

não são, ficam indiferentes. Contudo, periodicamente, faz-se ideias contrarias e ha contra Infanti: a preocupação de que é o regime o causador do mal estar. É possível q. a origem tenha ainda do antigo raucar do Ten. Cor.º Figueira, como acima creio que expuz.

Com a sociedade civil procurei manter as relações com cerimonia mas afectuosas. Contra os meus habitos, frequentei a Assembleia e assisti aos seus bailes com a familia, dentro do principio de que em Roma se deve ser romano... Fui visitado e cumprimentado por certo numero de pessoas que ofereceram a sua casa e com as quais mantive as melhores relações. E com isto creio que despiz mal entendido que os meus antecessores estabeleceram.

O reitor do Liceu, o dr. Agostinho Timoco, convidou-me p.º fazer conferencias culturais «aos seus rapazes.» La fui uma vez<sup>(1)</sup> falar sobre Batalhões Academicos de Coimbra — conferencia que não sei se agradou, pois solicitando-me a reitor «conferencias», não voltou a pedir

<sup>(1)</sup> Em 14 de Maio de 1937.

outra qualquer. E na verdade foi melhor assim.

O Gynasio-Club de Leiria fez ideubico convite, mas o aperto de trabalho serviu para excusa da recusa.

Etc. etc. Com tudo isto creio que consegui bom nome na terra e possivelmente em todas as classes. É natural que entre o clero não haja unanimid.<sup>de</sup> de visitas — mas com tal gente não me preocupo eu.

Não mantive nem mantenho relações com essa classe; os convites para procissões, Te-deums, festas do Seminário, etc. foram constantes, mas ficaram no cesto dos papéis.

E lerihei sempre pela minha ausência que, diga-se, era reparada.

Um vez que, levado ao ergão, me encontrei com o bispo D. José Alves Correia da Silva, foi eu a única pessoa que lhe não beijou o anel, embora o governador civil o fizesse com genuflexão e lhe desse polinamente a direita, bem como as outras autoridades. O caso foi um pouco escandaloso, em publico, no jardim, numa festa da Mocidade promovida pelo reitor do liceu.

Contudo, em nada os hostilizei; nada fiz que os escontrariasse. Era como se tal gente não existisse.

É parem natural que esta atitude ficasse marcada, que lhes não esquecesse a mi? falta de «consideração» e submissão ao illustre prelado a quem todos se curvavam e reverenciavam.

Tenho aqui á vista um convite do juiz da Trevaud. do P. Sacramento da freg. da Sé de Leiria, no qual seu polimento do como comandante do regimento e bem assim os meus subordinados, a incorporarmos-nos na procissão do Corpo do B. no dia 16 de Junho deste anno corrente. Não mais nem menos: eu e os meus subordinados, deveriamos ir incorporados na procissão!

Não respondi, apenas dei conhecimento aos subordinados — para os que quizessem ir. E já fui tolerante, com seiscentos diabos!

Ora o meu passado, para esta gente clerical; não é dos melhores e é conhecido pelo devido menhuma. É possível, pois, que na primeira se tenha imaginado qualquer coisa. Quem sabe!

O Diabo o jure...

Interessei-me muito pela banda regimantal e se mais não fiz foi porque não havia elementos e superiormente se não importam. Logo que assumi o comando chorei o chefe da banda, Domingos Coelho e disse-lhe um certo numero de coisas que o honrou, tempos depois, me confessou nunca ter ouvido a qualquer commando. Ficámos amigos. Não estava habituado a que os caroneis se interessassem por musica.

Consegui que se radiofundisse um concerto pela Emissora Nacional, em 12 de Junho do ano passado, apesar da opposição surda não sei se do director do organismo (o illustre Henrique Galvão) se do reitor do Liceu, o Agostinho Tinoco, que não gosta do chefe da banda. Mas enfim o concerto lá foi radiofundido e parece que agradou.

Eu disse umas palavras antes de começar o concerto, palavras que transcrevo adiante. Na terra, porém, o caso não interessou e apenas um jornal deu conta dele porque ... o director é amigo do chefe. <sup>(1)</sup> As coisas são o que são e não há que fugir.

(1) Ver no fim do vol. a pag.

As minhas palavras ao microfone da Emissora foram estas:

«A banda do Regim.<sup>to</sup> de Infant.<sup>ia</sup> n.º 7 aquartelada em Leiria vai tocar algumas peças escolhidas do seu repertório, dentro das possibilidades do pessoal e até do material. Raríssimas vezes as bandas militares da Província se fazem ouvir pela radio-telefonia; por isso hoje a Emissora Nacional vai apresentar ao País um valor musical ignorado de quasi todos os nossos habituais ouvintes mas que vai mostrar, sem preocupações superiores, não só que a grande arte se cultiva fora dos grandes centros mas também, e principalmente, apesar da falta de elementos, se cultiva com esmero.»

Comuniquei para o Quartel-General o que ia fazer e marquei a hora do concerto. O chefe do Est.<sup>do</sup> M.<sup>da</sup> nada disse. Não sei se queriam que pedisse primeiramente licença, como qualquer membro de escola. E por estas e por outras não tentei dar segundo concerto; deixei-me disso.

Para eu ouvir, tinha os sábados, dia em que o boelho fazia ouvir programas sempre escolhidos.

E a propósito...

Varias vezes tive mal-entendidos com o Quartel-general — mais ou menos fundados na falta de iniciativa que hoje ~~se~~ se dá aos commandos e na noção que ha nos Quartéis-generais de que só ali reside o poder, a intelligencia e o bom senso. Os commandos de regimento nada são hoje; tudo tem de ser esmucado pelo Quartel General e algumas vezes tive de me bater pelos principios.

Enquanto commandava a Região o Peixoto e Cunha que soffria do fizado e era superiormente mal creado, algumas arestas houve que se leváram bem porque o ho-mem, no fim, vinha ás boas.

Logo na sua primeira visita, aos 9 de Marco de 1837, se deram incidentes que desagradaram a elle e a mim. Logo veio o seu escrever ao chefe do Est.<sup>o</sup> Maior Alfredo Ernesto da Cunha uma carta em que assignava o incidente que não era mais do que a consequencia de « erros que de leve vinham » e que se tem deixado correr sem haver novidade; e em que dizia que tinha vontade de ir a tomar conversas á juridade com elle a respeito do regim.<sup>to</sup> e em especial dos officiais, etc. etc. E terminava com um periodo meio serio meio

chaleira: « É ainda por cima de tudo  
 "me sinto prejudicado porque teucionava  
 "pedir 3 dias para ir a casa, na prox." re-  
 "mova e já não tenho cara para tal... »

O chefe respondeu amavelmente,  
 em 13, concordando com o que dizia, in-  
 formando de q. o general não ficaria zangado e que podia ir a casa quando eu qui-  
 zesse.

Tempestade num copito de agua.

Dai a tempo, outro caso por causa do  
 trapo necessario á limpeza das espingar-  
 das da Legião Parbupuesa e em occasião im-  
 propria. Já aqui deixei dito qualquer coi-  
 sa no vol.<sup>o</sup> anterior.<sup>(1)</sup> Eu dára uma fes-  
 ta no quartel a proposito do retrato do for-  
 quim Mauzinho de Almeyquerque com au-  
 tografa que existia abandonado numa ar-  
 recadação ainda dos tempos do batalhão  
 de Caçadores n.º 6; mandei fazer reprodu-  
 ção perfeita, guardei aquella numa pasta  
 e a reprodução pu-la na sala dos officiais  
 em boa moldura de madeira. Convidei  
 os officiais da guarnição, o general quiz  
 comparecer com o seu estado-maior e  
 eu abri a festa com uma ligeira allocução

---

(1) Nos dias 2 e 8 de Maio de 1837, a pag. 376-  
 377 do volume anterior.

que adiante copio para recordação. Foi feita, digo já, para ser ouvida por tropas; é preciso dar-lhe o desconto devido.

Ora o general teve qualquer dên de fígado e nem quê nem para quê, atirou perrethas de coices como se estivesse na cavalleria. Trocaram-se cartas com o chefe do Estado-maior e pronto!

Não vale a pena falar mais no assumto. Segue a allocução:

« É' vulgar dizer-se que o português não tem o sentimento das proporções...  
 « Este caso do comitê que fiz a V. Ex.<sup>as</sup> com a presença do Ex.<sup>mo</sup> General, para lhes mostrar uma sala nova p.<sup>a</sup> os officiaes do regimento, parece q. se pode classificar como falta desse tal sentimento de harmonia q. deve sempre existir nos nossos actos como nos nossos juizos. — principalmente para mim que tenho a cabeça cheia de cabellos brancos e levo a vida bastante adiantada. Realmente, convidar V. Ex.<sup>as</sup> para irem a um velho quartel onde se arranjou uma sala nova e piada com modestia, deve ser caso novo nos nossos habitos militares e, demais a mais, nos tempos que correm, avêssos a sentimentalismos desta ordem.



« Mas, meus \$m.<sup>o</sup>: as modificações q. se fizeram neste compartim.<sup>to</sup> já envelhecido e quasi inhospício para passatempo dos officiais, foi apenas um ligeiro pretext<sup>o</sup> para acto de mais alcance.

« É que, neste regimento que herdou o edificio, mobiliario e arquivo do Batalhão de Caçadores 6 existia um retrato quasi esquecido e que o tempo se encarregou de esmorecer nas suas câes, de um camarada nosso q. foi alguém não só na nossa classe como na propria sociedade portugueza. Nessa fotografia o retratado lançou com punho firme, uma dedicatória simples mas affectuosa. O tempo ia passando e, de certo, lentamente, essa bella fisionomia de homem energetico e de real valor se esfumaria no cartão a que estava colado e a moldura, em futuro mais ou menos prox.<sup>o</sup>, rodearia apenas o rectangulo de papel quasi branco.

« Surgiu então o desejo de fazer conservar a haurosa fotografia e valoriza-la; daqui veio a ideia da reprodução ampliada e de se guardar o original a bom recato para resistir ao tempo; e assim, devido á iniciativa do dedicado e consciencioso colonial que é o 2.<sup>o</sup> command.<sup>te</sup> deste regimento, eis-nos chegado á realização do plano.

« Trata-se, meus Srs., do illustre official de Cavalaria Joaquim Maurinho de Albuquerque, natural do concelho de Be-  
lta, honrem notavel em muitos cam-  
pos de ~~uma~~ actividade e do qual este re-  
gimento tem a honra de possuir um  
retrato e seu autografo no que, em todo  
o exercito, se equiparava apenas com o  
regimento de Cavalaria n.º 2.

« Creio serem apenas estas duas unida-  
des ás quais o illustre Maurinho confiou  
a guarda de tal pechete de affecto; uma  
porque nela serviu e se formou, na me-  
cidade, o seu caracter militar; a outra  
porque era, no exercito, o representante  
da região excelente e pitoresca em que  
nasceu.

« Temos, pois, aqui dentro de pare-  
des, motivo sufficiente para honren-  
za; e pena é que circumstancias va-  
rias independentes das nossas vontades,  
façam com que ela seja simples, muito  
modesta, incomparavelmente inferior  
áquilo que poderia ser e mereceria ser.

« Seja, porém, como for, a nossa  
vontade é que ela seja interpretada como  
nascida das melhores intencões — não só  
pela honrença em si como por ela  
servir tambem de pretexto para os officiais

da guarnição se encontrarem fraternalmente, apertando laços de correção e de amizade que são indispensáveis entre militares. <sup>(1)</sup> E como aqui os rejos reunidos na sua grande maioria e, ainda p.<sup>o</sup> maior brilho e melhores resultados, com a presença do sr. commandante da Região e de um illustre commandante que foi do regimento <sup>(2)</sup> eu quero, meus Srs., agradecer sinceramente a todos o prazer da comparecência nesta casa e afirmar a honra que o regimento recebe em ter aqui, dentro das suas paredes, tão illustre concurrencia.

« E pela m.<sup>a</sup> parte direi, como mais responsavel em tudo isto, que, se declino para os meus officiaes como bons colaboradores e bons companh.<sup>o</sup> a honrosa attenção do V. Ex.<sup>o</sup>, sinto-me plenamente satisfeito por ver como a simples intenção que determinou esta festa, teve gentilissima correspond.<sup>a</sup> na forma por que V. Ex.<sup>o</sup> a compresenderam — pois não pizo sempre aquele passo que ha muitos annos aprendi ao ler o meu classico Manuel Bernardes: «terá paz consigo e com os proximos o

(1) Ver, atrás, pag. 137 - 139

(2) O cor. ref.<sup>o</sup> Franc.<sup>o</sup> Lacerda de Oliveira.

espírito que fôr mais amigo de transacções que de litígios.»

« Muito e m.<sup>to</sup> obrigado ao Sr. General que de Loure quis ver aqui honrar - nos com a sua presença.

-\*-

« Estas lembranças de honrar, mais uma vez, o retrato de Mascarenhas, sugere inevitavelmente, considerações de ordem histórica que nos levariam aos primórdios, incertos ainda e muito discutidos, da nossa expansão ultramarina.

« Porque, na verdade, as campanhas coloniais da última década do século passado, não se podem encarar isoladamente como produto simples de vontades individuais; e esse revivescimento do espírito patriótico e o sentimento colonial que então se fortaleceram, foram resultantes de causas lentas e graves que é necessário ir buscar muito longe; e assim teríamos de ir, até, e sentimentalmente, á evocação do visinho pinhal de Leiria que é quasi o começo simbólico das navegações; aos tentames da marinha commercial de Afonso IV que Pedro de Arvelo (pouco antes de morrer) demonstrou com documentos ser grande e poderosa; ao primeiro efectivo da nossa expansão além dos mares

com a conquista de Ceuta; e depois em  
 termos no periodo fecundo de viagens  
 em que teriam embatido criterios diferen-  
 tes de accão ou duas politicas: a da ex-  
 pansasa pueram.<sup>te</sup> colonial quasi a moder-  
 na e a de nmero trafico ou interesse direc-  
 to de lucro.

« Mas eu não quero agradecer a V. Ex.<sup>a</sup>  
 a visita com dissertações. Estas palavras  
 vieram á colleção porque no temperam.<sup>to</sup>  
 de Meusinho julgo sentir reunidas algu-  
 mas das qualidades superiores com que  
 foram dotados muitas das nossas grandes  
 figuras historicas; e seria proveitoso  
 para o nome desse homem, o estudo  
 das causas determinantes das suas accões  
 — desde a duvida do rei D. Duarte que,  
 antecipando-se a Descartes a dava como  
 base para descoberta da verdade; desde  
 a resolução pronta e firme suas precedi-  
 da de raciocinio e saber de Nunalvares;  
 desde o caracter que nós vemos em Albu-  
 querque e D. João de Castro, por exemplo;  
 até ao desinteresse e á satisfação intima  
 do dever cumprido tão difficil de cumprir  
 e de manter, apesar dos estímulos que ne-  
 cessariamente o homem culto pode re-  
 ceber nas leituras e nos estudos a que  
 se vota.

« De certo, no temperam.<sup>to</sup> de Mausinho haveria profundidades a estudar, fóra, até, do âmbito português; mas não quero ir tão longe — bastaria que nas nossas raízes ancestrais se procurassem os filamentos dessas raras e superiores qualidades de homem, de acção e de carácter e fuzéssemos de parte as banalidades pa-  
regiricas que não tiram nem põem e só servem para gastar tinta ou lançar pala-  
bras ao vento.

\*

« Lembro-me ainda m.<sup>to</sup> bem, embora já corresse mais de quatro décadas de anos, do entusiasmo causado pelas notícias de Africa que chegavam com frequencias intervalos a seguir a periodo de abatimento colectivo: primeiro foi Marraquexe, caso unico de quadrado rôto e reconstituído de baixo de fogo; depois Magul e Coolala; e a coroar esta bela serie de victorias, a acção de Mausinho, com algum berilho espectacularo, é certo, mas incisi-  
va, cheia de vigor, pela concepção e pela rapida e enérgica realisação.

« O País sentiu um arrepiio como não sentia ha muitas decadas; a commoção foi profunda; gritava-se o nome de Joaq.<sup>m</sup> Mausinho de Albuquerque é tã, com a

leirandade própria da nossa gente; exal-  
 tou-se a pessoa ao exagero; os cunhais  
 das ruas passaram a ter o nome desse  
 heroico capitão; e até era vulgar ver o ra-  
 parão, nos seus simulacros de luta, ter seu  
 pre á frente seu, mais dominadôr ou atre-  
 vido, que se intitulava "o capitão Mauri-  
 nho!"

«Mas de tudo isto, infelizmente, não se  
 tirou a lição proveitosa que se poderia tirar;  
 e de toda a multiplicid.<sup>a</sup> de temperamento  
 da pessoa exaltada, apenas ficou aquella q.  
 impressionou mais: o real pessoal.

«E assim voltámos á famosa autôpa de  
 explicar o que é o homem de acção — quer  
 chefes de guerra quer homens de estado:  
 a valentia, a audacia irreflectida é que do-  
 minam. as qualidades de intelligençia; o  
 poder de penetração e intuição perante os  
 successos; a ponderação e reflexão no estu-  
 do dum plano e a execução rapida e fir-  
 me do mesmo, qualidades que já demos  
 antes (e que não falta a memoria) exigia  
 para os chefes — tudo isso desapareceu pe-  
 rante o incenso fumarento de louvores e  
 ditirambos publicados aos quatro ventos.

«E Portugal ficou sem aproveitar, mes-  
 na altura, a lição de todos esses successos;  
 e o nome de Maurinho ia esquecendo co-

mas tudo esquece e ia-se apapando perante outros de mais audacia ou de mais fortuna.

« É interessante notar que um conjunto de circunstancias tiram Leiria ás honras seus.

« O monumento que, mais cedo ou mais tarde se eleve em Lisboa, teve a sua origem nesta guarnição quando um Commissão Administrat.<sup>a</sup> da Câmara a que presidia o capitão deste regimento José Pereira Pascoal, lançou a ideia dessa prova de reconhecimento.

« É em Lisboa, mais ou menos por essa época, outro official, actualmente na guarnição, mas ao tempo no elevado cargo de Agente Geral das Colónias, trouxe para o quadro branco do cinema (como ainda he pouco rimos <sup>(1)</sup>) a glorificação da vida daquelle a quem hoje rendemos preito. Foi ele o meu 2.<sup>o</sup> command.<sup>te</sup>, ten.<sup>te</sup> coronel Julio Garcer de Leucastre.

« Agora é o regimento de Infantaria n.<sup>o</sup> 7 que faz saber que possui o retrato com autografo; e aqui estamos reunidos como

---

<sup>(1)</sup> Antes desta sessão, fez-se correr no teatro local uma pita com as façanhas de Mauriuko ao que assistiu a officialid., sargentos e soldados da guarnição.



amigos para lembrar esse homem que, por si só, houve uma classe e que nós deveremos ver como o mais gentil representante daqueles que, através da vida, procuram ligar o dever e a consciencia com os seus actos normais e, ainda até, com a exteriorização dos seus impulsos mais íntimos.

« É exactamente esta feição da sua personalidade não é a mais conhecida pois, como disse, o que principalmente ficou foi o brilho da sua bravura pessoal e a parte espectacular dos seus combates em Africa.

« Esse homem que escreveu em documento notavel e de alta responsabilidade que o ser soldado é dedicar-se por completo á causa publica e trabalhar sempre para os outros; e que escreveu, a seguir, que a primeira das virtudes militares é a subordinação, não é creatura composta só de musculo e de perenid. no peripo. Naquelle corpo magro e rêsco, de aspecto desprezado, sem imponencia, mas que andava com ritmo bem firme (como tantas vezes o vi nas ruas de Lisboa) alguma coisa havia a mais. Assim o desenvolveu facilmente a organização das suas expedições e a administração da provincia

onde foi commissario régio por direito proprio.

« Organizador e administrador, em tudo mostrou visões politicas bem clara do momento, a firmeza das concepções e o estudo serio das realidades; e ao, na sua cultura, não havia grande base filosofica para dar a harmonia necessaria á multiplicidade de assuntos que lhe passaram pelas mãos, havia, contudo, intuição admiravel que supria, em certa parte, aquella falta; e, ao mesmo tempo, possuia caracter, um elevado caracter, que, conforme disse lapidamente Sainte-Beuve, servia mais aos que governavam do que propriamente as ideias.

« É exactamente por possuir todas estas qualidades é que, quando desceu bainha na espada, a sua accção ia até ao fim como devia; isto é, o desenvolvimento do plano fazia-se com normalidade — sinal de que o entendimento e a razão dos classicos gregos e latinos ou o estudo, a reflexão e o calculo dos modernos criticos de historia militar, tinham sido as bases sobre q. ele o formára com aquella ~~base~~ salutaridade tão velha como Plutarco que afirma na guerra não se póde perder duas vezes porque na primeira se jápa.

« É assim, meus Srs.<sup>os</sup>, sem querer abajurar-me demasiado, creio não será a modestia desta homenagem que a torne menos valiosa; com o arranjo de sala condigna p.<sup>o</sup> receber estranhos ao regim.<sup>to</sup>, prezémos em relevo essa molere figura de portupês; e com este simples acto que para scepticos será risivel, mas sem a intenção de culto externo, eu desejaria que os novos pensassem quanto neste exemplo ha de Romano e de aproveitavel para o futuro.

« Os homens que sobem acima da era veira vulgar, não são elementos isolados na harmonia geral, são elementos necessarios p.<sup>o</sup> representarem, no devido momento qualquer abalo da intelligencia humana: nas artes, na politica, na guerra, na literatura, na ciencia ou qualquer outra manifestação intellectual; e como esses homens são idênticos á essencia minuscule que fica da pressão de muitas plantas ou flores, bom seria que os novos saubessem aspirar o que ha nelles de acção benéfica, de justiça, de tolerancia, e o que ha de grandesa no desinteresse e, até, na hira propria do sacrificio.

« Pois que direi, para terminar (e já é tempo) como Kant: "Não se deve

"Trabalhar só para a sociedade de hoje  
 "mas sim para uma sociedade melhor  
 "e possível, no futuro,"»

«Dixit.»

(Leiria: 24-26 de Abril)

O General Peixoto e Cunha que falou depois, classificou a m.<sup>a</sup> alocução de boa pelo «recorte literário» que lhe dei. Treis meses depois que disse (não afirmo) «fino recorte literário...» — frase que deveria ter apauchoado nos jornais.

Em seguida, o retrato foi desceirado por uma creança, sobrinho neto do Maurinho e neto do car.<sup>el</sup> José Vitor Franco, au tipo oficial da guarnição.

É acabada a cerimonia subimos á sala da biblioteca onde se serviu uma refeição a q. vulgarmente se chama «copo de agua» durante a qual se fizeram discursos de boa e eterna fraternidade.

Ad mesmo momento de sempre.

Foi contudo, umas festas simpáticas e que correu com certa distincção.

Durante a festa o major Pereira do Vale veio dizer-me que a m.<sup>a</sup> alocução fora a melhor coisa que ouvira au léra acerca do Maurinho. Eu repliquei q. o lauvár era demoradiado, mas ele insistiu.

tiu na sua, com a sua maneira franca de falar. Licença? aequalidade?

Do menos não se referiu ao «fino recorte literario...»

Dias depois desta festança, nova desgraçada por causa de um castigo dado a um sarpeuto. Não vale a pena repetir, o que já atrás referi<sup>(1)</sup>; guardei os cartões do chefe do Est. maior, datados de 13 e 20 de Maio para recordação — e mais nada.

Depois, em Setembro, nova pendencia por causa da vinda do ministro do Interior Mario Pais de Sousa ao que, na altura, me referi.<sup>(2)</sup> Mandeii prestar honras militares por o governador civil me comunicar que o haviam vindo oficialmente e os regulamentos de continencias assim o mandar.

Pais não seither: o Quartel-general queria q. eu pedisse licença, alegando que o general poderia não autorisar as honras regulamentares!... Houve troca de cartas e numa delas refilei contra a intromissão das autoridades militares nas regalias e superiorid.º do poder civil. Eufim, para

(1) Ver, no vol. anterior, o dia 15 de Maio de 1937, a pag. 379-382.

(2) Ver neste volume, o dia 23 de Setembro de 1937, de pag. 47 a 55.

documentar, quando as tres cartas do chefe do Est.º-maior, de 24 e 28 de Setembro e a de 6 de Outubro.

Tudo tão pequeno e tão fútil!...

E misto se passa o tempo, com tais coisas se entretem uma classe inteira, sem grandezas, sem qualquer molera de intenções! Tudo gira ~~em torno~~ em torno dos hábitos de funcionalismo, da deslealdade de uns, da rabelice de outros, das malandricas de quasi todos e... do mau ou máo estado do fígado deste ou daquele.

Disseram-me, já me não lembrava quem foi, que este illustre Peixoto e Cunha me fazia justiça. Não sei. O que sei é que se a fazia, traunomitia-me essa justiça por meio de desconfiança e parrelhas de coices. O Alfredo Ernesto de Cunha, em seus cartões, ás vezes dizia-me que o homem me considerava e me tinha em conta, etc. e até me chegou a dizer que no relatório de instrução da região no distinguia dois regimentos e um deles foi o de Infantaria 7. Tudo seria verdade, não nego, mas a apparencia era contraria.

Parou, com a vinda de outro general, um sr. D. Luis de Cunha Menezes, o caso mudou de figura. O homem com di-

reito a Dom não sofre, segundo parece, do fipado, como o outro, mas é um grande ratão...

Precedido de fama de grande comandante de regimento, veio comandar a Região como quem comanda soldados; e depois, como um dom Teu, em seu redor, certo prestígio para papalvos.

Começou com proclamações, com a instituição dos dias solenes no regimento, com festas despendidas, etc. Logo no prim.<sup>o</sup> "Nove de Abril", organizou uma corrida de estafetas de Tomar á Batalha para levar um facho ao sold.<sup>o</sup> desconhecido — o que nos custou mil<sup>to</sup> dinheiro que poderia ser melhor empregado. Veio depois o oferecimento duma taça p.<sup>a</sup> ser disputada na guarnição com programma aqui organizado. A taça, é claro, teve de se chamar... Taça D. Luis de Meures — o que ele aprovou amavelmente... Depois, o dia solene do regimento que uma comissão de officiaes escolheu: um dos dias de combate na Flandres, em 1918. O homem não quiz certamente por ser adversario da nossa participação na guerra; disse que deveria ser um dos dias das lendas da bandeira. Tive eu de averiguar o caso e notei a circumstancia curiosa de um dos combates ei

Tados na bandeira, o combate de San Sebastian, em 1813, não foi participado pelo regimento...

Como se arranjam estas coisas?

Enfim... para não alargar, e não perder mais papel com o sr. dom Luis, deixo, no fim do vol.<sup>o</sup>, uma exortação que a creatura dirigiu ás tropas da Região, em 13 de agosto de 1838, vespera do anniversario de Aljubarrota. Simples curiosidade. <sup>(1)</sup>

Resumo: o sr. dom Luis era um fútil, um vaidoso, um verdadeiro pateta alegre. E adeante.

É para acabar com este rosario de misérias sempre contarei que, por nota confidencial n.<sup>o</sup> 55 da 4.<sup>a</sup> Repartição do G.<sup>l</sup> General da 3.<sup>a</sup> Região M.<sup>o</sup>, de 2 de Março de 1937, recebida aqui em 3, foi nomeado command.<sup>te</sup> da «Zona de Cobertura do Alto Alentejo» — cargo que representa, conforme julgo, certa confiança.

Trata-se, segundo creio, de reccios causados pela guerra civil em Espanha e p.<sup>a</sup> hipótese de vitórias governamentais. Estão, pois, investido em missões importantes que nunca julguei me confiarem.

---

<sup>(1)</sup> No final, a pag. ....



Estando em Leiria, longe da zona de cobertura que vai do Tejo aos cruzam.<sup>tos</sup> de Arronches e estando as unidades que compoñem a força que comanda aquarteladas lá p.<sup>a</sup> a fronteira, porque fui eu o encarregado da missão?

Como tudo é confidencial, mais este mistério para a história da m.<sup>a</sup> vida — que a história terá dificuldade em desvendar...

E para ~~isso~~ falar a verdade, não ganhará nada com isso.

Coimbra.

Outubro: 7.

Depois de quasi três e meio de silencio neste pobre diario, cá volto á tarefa. Mas dei hoje carta ao Pires Monteiro, carta em tudo nada azeda e com algum desalento. Lá vai. Deixei copia no vol.<sup>o</sup> respectivo, a pag. 199 e com o n.<sup>o</sup> 132.

Leiria

Outubro: 12

Como command.<sup>te</sup> militar da localidade tive de mexer ha dias em correspondencia confidencial aubija. Li muita coisa curiosa a respeito de questões politicas locais que me deixaram edificado — e não resisti á tentação de transcrever p.<sup>a</sup> aqui dois docu-

mentos, dos que me pareceram mais curiosos e edificantes.

Em 1931 era governador civil de Leiria o Tenente miliciano de Inf.ª José Rodrigues da Silva Mendes que fez politica oposta a do major de Artelh.ª Henrique Pereira do Vale que foi substituir no cargo. Custau, no fim daquele ano, que o Silva Mendes iria ser nomeado governador de São Tomé; isto causou escandalo entre os artilheiros e daqui nasceu a nota confidencial n.º 42 de 4 de Dezembro, do comando do regimento de Artelh.ª 4, assinada pelo d.º Pereira do Vale como comandante interino.

A nota começa por aprovar a circular confidencial da Região, n.º 320/4 de 18 de Novembro anterior que pedia intervenções ás unidades a respeito do estado de espirito das guarnições e continua: «... será

" uma das maneiras de fazer chegar ao co-

" mhecimento superior certos factos e retra-

" tar (sic) pessoas que desempenham cargos

" publicos e que são, as mais das vezes, co-

" nhecidas apenas pelo reclamo que lhes é

" feito por sociedades de elogio mutuo... »

Depois, entra verdadeiramente no assunto: «... a proxima nomeação para Go-

"Governador da Provincia de S. Tomé e Princi-  
 "pe do Tenente Silva Mendes. — Num sim-  
 "ples distrito metropolitano onde as funções  
 "de governador civil são apasadas, deu ele  
 "provas de facciosismo, pouco senso, espirito  
 "de intriga que trouxeram p.<sup>a</sup> a situação o afas-  
 "tamento de não poucas pessoas que alguma  
 "coisa valiam e o desprestígio enorme que al-  
 "guns factos por ele commettidos lhe valiam. —  
 "Isso, parece, nada é. Não tem repercussão  
 "externa. É apenas politica de distrito. [...]  
 "O caso, em S. Tomé, meuda de figura. O in-  
 "dicado [...] não tem os dotes precisos para de-  
 "sempehar tal lugar. Falta-lhe cultura, co-  
 "mhecim.<sup>to</sup> do meio... » e por aí fóra, afir-  
 "mações relativas aos meritos do indicado q.  
 "verdade, verdade, não andam muito fóra  
 "do que é justo. E segue ainda: « Se, de  
 "facto, não ha mais ninguém em Portugal,  
 "em melhores condições, é caso p.<sup>a</sup> concordar  
 "com os inimigos da situação que dizem is-  
 "to está por pouco. » E com mais uma cer-  
 "ta dose de paucadaria no S.<sup>a</sup> Mendes e no  
 "sistema do governo, termina, ainda com  
 "consequencia da tal circular confidencial  
 "n.<sup>o</sup> 320/4 por desejar que o ministro veja  
 "bem o que faz, que se não deixe espavar  
 "por más informações, etc. etc. etc. — conse-  
 "lhos e advertencias curiosas.

Tudo isto vem do começo desta situação política, da rivalidade provocada pelo Figueira que, neste e noutros casos, parece ficar de lado e deixar os outros á luctua.

O outro caso que achei curioso vem também duma nota do mesmo major Pereira do Vale, como commandante interino de Art. Maria n.º 4, que acompanhava um relatório respeitante ao tal « estado de espirito da unidade... » Tem o n.º 47 e a data de 19 de Dezembro de 1931.

Começa por dizer que o relatório que meanda traduz a opinião « média » dos officiais de Art. « sobre assuntos que interessam á politica da ditadura. » E o primeiro assunto de que trata é, nem mais nem menos, a constituição do Governo que « tal como está, é considerado como incapaz de executar um programma definido de franca politica de defesa da ditadura. E' visto como um governo de transigencia e isso desagrada... » Entra depois em assuntos locais e atira-se ao Inspector escolar, de nome Beira e ao secretario da Inspeção, Leitão, « pessoas absolutamente contrarias á situação » e até o segundo é membro « das comissões do revitalho. » Acusa também o chefe da policia de seguranca, affecto aos

revilharietas, a ponto de « quando o dr. Se-  
 "rafim" (1) esteve preso por motivos políticos e  
 "incomunicavel, ele se ofereceu para facili-  
 "tar entrevistas entre aquele e varias pessoas  
 "desta cidade.» E como falou do dr. Serafim,  
 continua: « Outro facto que desagrada é o  
 "regresso do dr. Serafim a Portugal. Que ele  
 "é interpretado como uma victoria dos ini-  
 "migos da situação prova-o o facto de se es-  
 "tar preparando umas manifestações para  
 "a sua chegada. Com franqueza, é incuen-  
 "sursível o seu regresso apenas chegado  
 "a Timor. O governo proporcionou-lhe um  
 "passoio que m.<sup>ta</sup> gente desejaria fazer. Eis  
 "a maneira de pensar de todos.» E termi-  
 na por alludir á politica da Marinha Grande  
 onde considera « uma obstinação (do mi-  
 "nistro do Interior) a protecção que está sendo  
 "dada aos amigos de Jaime Cortinheiro » que  
 foi ambigo e exaltado democratico e chefe da  
 secretaria da Camara e hoje pessoa impor-  
 tante em Lisboa.

Etc. etc. Um dia, o historiador que lan-  
 ce os olhos sobre esta quadra, ver-se-ha em  
 calças pardas perante tanta lama...

---

(1) O medico Serafim Lopes Pereira, distinto li-  
 sio logo em Leiria, natural do conc.<sup>o</sup> de Montargua.

Coimbra.

Novembro: 4.

Já aqui falei de uma sindicancia feita ao coronel João José Per. Damasceno, pelo Brincar Salgado em Agosto passado. (1)

O Damasceno, em vez de se calar, se vendeu que devia alastrar o incidente e apresentou nova defesa e novas testemunhas. O processo, com este apêndice, veio-me parar às mãos e eu fiz o que podia para evitar mais carga no cavalleiro — que é parvo de todo e não deixou de merecer as acusações.

Mandeí o processo com relatório para o Quartel-general e escrevi a seguinte carta ao Damasceno:

«... Recebi ainda em Leiria a sua carta de 24 de Outubro e infarmo-o de que vou hoje mandar, por intermedio da 2.ª Região militar, o meu relatório para tomar. Deixe-me, porém, dizer-lhe lealmente, que a sua exposição de 4 de Outubro veio atrapalhar o caso que, finalmente, não iria qual eu caminhado nas altas regiões. Teria sido melhor não mexer mais. Creia que o mundo não se mó

(1) Ver, atrás, pag. 133-135.

ue já por sentimentos, mas por interesses  
 ou medo; e o meu car.<sup>el</sup>, com os 50 annos,  
 ainda é optimista como nós sômos aos vin-  
 te. — E creio tambem que a m.<sup>a</sup> situação  
 de averiguante nada teve de inuejavel;  
 meus bozados passei ao sentir a luta da  
 consciencia com a auidade e a gratidão.  
 Teria errado no meu julgamento? Tenho,  
 ao menos, a certeza de que procedi com se-  
 riedade e imparcialid.<sup>de</sup> Oxalá todos assim  
 o compreendam. — Enfim, não sou reli-  
 gioso; mas logo, ao entregar o processo, sem  
 que direi como o Povo cá do norte: Deus  
 lhe ponha a virtude! — E permitá-me  
 um conselho embora talvez não tenha au-  
 torid.<sup>de</sup> para isso: recito cuidado com qual-  
 quer nova intervenção sua se de novo en-  
 tender deves intervir. — Desculpe a breui-  
 dade e creia-me, etc. etc. »

O relatório q. fiz cá o mais breuido  
 possível. Se houver boa vontade lá pelos  
altos, o Damasceno ainda se salvará.

Mas a verd.<sup>de</sup> é que o Damasceno não  
 tem senso comum e não fez senão asnei-  
 ras no commando do regimento. Se não é  
 pauro de todo, faz o possível por o pare-  
 cer e por merecer o classificativo.

Coimbra.

Número: 10

Nova carta ao car.<sup>al</sup> Damasceno, em res-  
posta a uma dele, na qual se admira da  
m.<sup>a</sup> anterior. Bem digo eu que o homem é  
parvo e tem parvo... E eu a ter de o atu-  
nar com paciência e atenções!

«... Vejo pela sua carta que me não  
fiz comprehender completamente. Não se pre-  
ocupe com o resultado do meu relatório. Di-  
go-lhe, meito reservadamente, que se supe-  
riormente houver boa vontade, o meu rela-  
tório só ajudará essa boa vontade. Nele fiz-  
lhe toda a justiça que podia (e devia) fazer-  
lhe, sem faltar á verdade nem ás conclusões  
dos depoimentos. Creio ter esclarecido as  
circunstancias originarias do ambiente  
creado e essas só lhe são favoráveis. Não  
se preocupe, pois. A m.<sup>a</sup> ultima carta era  
mais um desabafo contra os altos e baixos  
deste mundo... É nada de fiar nele! Um  
dia lhe contarei, quando podée contar. — E  
creia-me, etc. etc.»

Esse falado relatório fica arquivado no  
volume A minha vida militar e, com fran-  
queza, deu-me m.<sup>to</sup> que fazer p.<sup>a</sup> equilibrar  
a Verdade com a Benevolencia.



Coimbra.

Novembro: 11.

Hoje, dia do armistício de 1918, vive a seguinte nova que não deixo de registar:

Estive em Leiria, há dias, o coronel de artilharia e do Estado-maior Arnaldo Passos e Sousa como inspector da arma. O professor do Liceu, dr. Cardoso e Cunha amigo pessoal dele acompanhava-o e noite, como é natural, e conversávamos. Nessas conversas, a meu amigo veio á balha e o Passos e Sousa disse ao amigo que, dos futuros candidatos ao generalato era eu o mais competente, o primeiro de todos.

O Cardoso e Cunha repetiu o dito a minha filha a qual hoje me o transmiteu.

Acho esmola grande de mais.

Este Passos e Sousa foi meu instrutor no 3.º grau, em Caxias, em 1935, mas li dei pouco com ele. E vai ser instrutor, agora, no prox.º 4.º grau

o que é que corresponde esta impressão a meu respeito? E referir-se-ha só aos coronéis de Infantaria ou compreenderá todos os coronéis que lá vão?

Acho esmola exagerado. Dentro em pouco veremos; a ilha p.º Caxias está para muito leve. E então se averiguará o valor do prognóstico.

Caxias.

Número: 21.

Começou hoje o 4.º grau ou seja o curso preparatório para o Generalato.

É quando se julgava que vinha fazer um curso dentro da nova organização, eis que surge o velho curso de há 8 anos, o mesmo, o mesmíssimo, com a perspectiva de exames á antiga que durarão até 1940 — como parte integrante das comemorações ~~de~~ centenárias...

O ministro da guerra mantém segredo impenetravel. A consideração pelos coroneis que aqui estão a fazer o mais importante dos passos da carreira militar, é, como se vê, nula.

Não se sabe bem a lei em que se vive.

Eufim...

É tudo com a aquiescencia tacita da classe que não sejo ter qualquer assomo, por pequeno que seja, de reprobacao.

É e está em Caxias, novamente.

Ambiente... o mesmo de há tres annos e mais, mas com agravantes.

Ha grupos fechados de coroneis que olham para outros grupos, tambem fechados, com desconfiança. É a "igrejinha" das armas e das amizades antigas. É se

a "igrejinha", das velhas ameasadas se com-  
preende e desculpa, a outra, a das armas  
é sobrevivencia inadmissivel e indescul-  
pavel.

Tempo, vamos andando. Oxalá o re-  
gredo ministerial se aclare e o limite de  
idade me permita tirar destes assuntos!

É o tempo ajuda a melancolia: ne-  
vas grossas com chuveiros da barra e o  
cair triste das folhas. É o começo do in-  
verno. É nós, já no começo do inverno  
da vida, viemos hibernar para Caxias...

### Caxias.

Novembro: 27.

Escrevi uma pequena carta ao major  
Henrique Pereira do Vale. Certo, depois de  
escrita, achei curiosa, lancei-a no livro  
respectivo da epistolografia. Ficou a pag.  
201, com o n.º 133.

### Caxias.

Novembro: 28.

Hoje, lá vai um bilhete para o Lau-  
reço Chaves Almeida. Nada de importan-  
te, apenas desabafo — e documento da mi-  
nha pouca adaptação a este ambiente.

Lá fica arrumada em lugar próprio,  
com o n.º 134 a pag. 202.

Caxias.

Novembro: 30.

Mais epistolas... Desfaço-me em correspondências. Desta vez é para o Bivar Salgado e como traduz o meu estado de espirito, cá fica copiada no vol.<sup>o</sup> das cartas, com o n.<sup>o</sup> 135 a pag. 202.

Caxias.

Dezembro: 7

Foto é um ruem acahar... Hoje é para o Pires Monteiro, mas é devida. Tive de desistir da 2.<sup>a</sup> prova do maldito exame final p.<sup>o</sup> o generalato. Assim se não deixando abaixo elementos de certo valor para deixar passar os protegidos da Igreja.

É proprio dos tempos.

A seguinte carta fica com o n.<sup>o</sup> 136, a pag. 203 do m.<sup>o</sup> citado livro.

Caxias

Dezembro: 13

Mais outra carta... Como não tenho tempo p.<sup>o</sup> deixar impressões acerca desta vida de « guerrino de escola » vou-as deixando em cartas e carbinhas aos amigos.

Hoje vai para o Eduardo da Cunha Oliveira, velho amigo que sempre insistiu comigo p.<sup>o</sup> eu vir até aqui; nunca deixou

paraente certos momentos de desânimo da  
 rei.ª parte, de teimar na necessid. de vir  
 aqui receber os meus grãos de oficial ge-  
 neral. Merece, pois, que lhe diga qualquer  
 coisa, a brincar que seja.

Fica a pag. 264 com o n.º 137.

Coimbra.

Dezenove: 31.

É pronto. Acabou-se o ano. Vim a  
 Coimbra passar os dias consagrados; e lá  
 para o dia 4, voltarei ao colégio de Boxias  
 receber a devida instrução.

Assim seja.

1939

Caxias

Janeiro: 13.

Sexta-feira, dia 13 do mês e, para  
nóis, dia de S.<sup>to</sup> Filario — o da noiva.

Foi, apesar de todos os máis agouros,  
dia de prova ou exame, ou ainda dia de  
garrais segundo o catão, por sinal bem os  
Kupido, da escola. É a segunda prova.

A natureza estava em dia de paroxis-  
mos: temporal desfeito de S.O. que agita-  
va as arvores violentamente; e as águas  
da baía, turvas e encrespadas, tinham as-  
pecto desolador.

A prova passou neste ambiente máis.  
Na sala, á luz artificial e sentindo o as-  
solar constante da ventania, o drama  
ia-se desenrolando ao tempo das sete ho-  
ras regulamentares.

Aqueles vinte e tantos caroneis, cheios  
de cabelos brancos ou calvos, aspirantes ao  
generalato, deveriam dar, a um observa-  
dor atento, certa impressão de tristeza. Mas,  
desovidos por completo, sem dar qualquer  
atenção ao que se passava á roda, lembrá-

vam os tempos da Escola do Exército em que, cada um, queria passar á frente dos outros. Alguns, desalentados, diziam em voz mais ou menos audível que estavam à rasca... É a um ou a outro, para mais, coronel de Engenharia, quasi a meio do primeiro periodo da prova « que lhe não tinha ainda surgido qualquer ideia!... »

Que dizer a tudo isto?

O defeito será da organização do curso ou será dos coroneis?

Sexta-feira, dia 13, e, para mais, dia de S.<sup>to</sup> Philario — o da música...

### Caxias

Janeiro: 27.

Escrevi hoje uma carta ao general Julio Schiappa de Azevedo que passou á reserva por atingir os 65 annos de idade. Cumpri-me a dizer-lhe e desejava-lhe longa vida e boa saúde, etc. Devo-lhe esta atenção por me recordar a maneira como ele me tratou sempre enquanto estive na 1.<sup>a</sup> Repião que ele commandava, de 1932-1933. Com certos defeitos, ainda é um dos commandantes que encontrei com mais lição e bom senso. Devo-lhe, pois, qualquer prova de atenção e de reconhecimento.

Caxias

Fevereiro: 7

M.<sup>a</sup> filha escreveu-me de Leiria com a informação de que constava por lá que eu era um dos melhores instrutores e que as minhas provas eram superiores.

Causa-me certa admiração esta insistência acerca da m.<sup>a</sup> grande capacid.<sup>a</sup> para general... Ou na verd.<sup>a</sup> isto é muito simples eu então... bolas f.<sup>a</sup> os instrutores!

Enfim, respondi com uma carta cujo rascunho guardei. Fica no vol.<sup>o</sup> tão citado, a pag. 205, com o n.<sup>o</sup> 138.

Coimbra:

Fevereiro: 21.

A Sociedade Martius Sarmento, de Guimarães, convidou-me para eu colaborar no volume especial que a sua revista vai publicar em comemoração dos centenários próximos. Este convite vem do Mario Cardoso, seu presidente, que eu conheci em Caxias, a fazer o curso f.<sup>a</sup> maior.

Porém Mario Cardoso a quem os instrutores apelidavam de «o arqueólogo» com certo desdém!

Respondi hoje aceitando, condicionadamente, porém, a aceitação com a m.<sup>a</sup> actual vida de candidato aos altos postos do exerci-



to — os quais altos postos, verdade, verdade, mas não são tão altos como se julga.

O que não sei é o que poderei fazer p.<sup>o</sup> corresponden á aqualidade.

### Caxias.

Severino: 26.

Já ha muito se falava nos leilões dos quadros do velho Leão d'Ouro, á rua do Príncipe. Mas ontem foi a valer. <sup>(1)</sup>

De certo, a noticia e o proprio leilão passaram indifferentes perante 999 por mil dos participeses instruidos — ou que o julgaram ser.

As pessoas a quem digo qualquer coisa a este respeito, ficaram a olhar como quem pergunta, no seu intimo, que interesse terei eu em querer que o Leão d'Ouro continue com os quadros.

Não tenho dinheiro. Se o tivesse, iria licitar qualquer deles, talvez uma das marinhas do João Vaz, talvez as flores do João Vieira, que ainda foi meu professor.

Paciencia. O avanço na idade implica derrocada de muita coisa: nas campanhas, nas amizades, nos campos, nas papéis e, agora vejo que até nos botiquins...

<sup>(1)</sup> Guardei, no fim do vol. o anuncio. Pag. 417.

Leufim... Vou lá hoje, á tarde, por ul-  
tima vez, tomar chá com Terradas.

Desabafa unico que pode ter um senti-  
mental.

### Caxias

Marco: 3

Hoje vai carta para o Tomás da Fonseca.  
Lipeira epistola sem valer — como aliás,  
creio eu, todas as q. deixo arquivadas.

Mas cá fica: a pag. 207, n.º 139.

### Caxias

Marco: 4.

Ante-ontem, em Leiria, numa fujida  
a casa, uns officiaes me disseram que em  
Lisboa se sabe que eu tenho « feito um fi-  
"quão » nesta notavel Escola de Caxias; e  
que se afirma que certas decisões em rela-  
tórios meus, apreciados em conselho dos  
mestres tem feito doutrina; e ainda se  
acrescenta que sou olhado com respeito pelo  
corpo docente. Eté. eté.

Como se arranja assim um par de  
botas? Que esta gente me trata muito bem,  
é factó que noto e de que me admiro um  
pouco; mas daí ás minhas decisões tira-  
das e forceps constituiram doutrina... e a  
mereceram o respeito dos docentes...

Será a redacção dos documentos a que deu sempre certa forma literaria e certo cunho pessoal?

Com franqueza, se é verdade o que em Leiria me disseram, muito inocentes são os instructores desta escola!

Um autêntico aujinhos.

Caxias.

Marco: 20

Hoje é cartinha para o poeta Lopes Vieira que deu em me euchar de atenções.

Cá fica, p.<sup>a</sup> memoria, a pag. 208 com o n.<sup>o</sup> 140, de ordem.

Caxias.

Marco: 31.

Terminou hoje, praticamente, o curso do 4.<sup>o</sup> gráo na Escola C.<sup>al</sup> de Officiaes que, desde Novembro, se arrasta. Terminou suavemente, quasi com indifferença dos instructores. Apenas um ou outro fez despedidas mais calorosas. Alguem, mais bem disposto, disse qualquer frase generosa "elogio-funebre..." E mais nada!

Eu tinha a impressáo de que, depois de 132 dias aqui passados em convicções e a traços com difficuldades de vario ordem que implicavam com o futuro de cada um

da um, a reparação tivesse qualquer affecto mais vivo.

Do meu quarto, onde estou retido por uma "grippe" tipica, vieram tres ou quatro apenas dizer adeus; e, o que mais me tocou, vieram os instructores. Os outros... taparam a Escola com a maior naturalidade como se não andasse aqui, ha quatro meses e mais, em luta pela promoção e pelo conto de reis a mais no soldo.

Enfim. Eu aqui estou, no meu quarto, fechado contra o tempo desahrido que lá vai fóra; no edificio da rua ficaram apenas creio que tres, os de Loupe. O resto desapareceu suavemente, como se nada fosse, como se este curso não marcasse na vida uma dura quadra e uma tarefa muito pesada, como se cento e trinta dias de inutilidade e de certas amarguras suportadas comumente, não merecessem um agua vai! qualquer, por simples que fosse!

Domingo irei para o Alto-Alentejo, na chamada viagem de generais. Destino: Castelo de Vide, a Sintra alentejana.

Irei comandar um corpo de exercito; e só eu, no meu cubiculo, sou o unico a rir destas missões que me entregam muito a sério, como se eu estivesse dentro delas e se visse o valor desta arquitectura

tórica com que aqui nos enchiam a cabeça e com que faziam subir ás nuvens os grandes conhecimentos.

Levo daqui a impressão de que tudo isto é muito pequerrinho. Os meus instructores eram bons, conhecedores do assunto e, muitas vezes me davam a impressão de que, por detrás das instruções, havia qualquer coisa de proselitismo — tão convincente e profunda era maneira com que diziam certas trivialidades misturadas com coisas sérias.

Mas tudo isto tem base falsa, isto é: a teoria univ. <sup>te</sup> aparece; a realidade que ni não surge. E se pensarmos que não temos noções do práctico, mais pequerrinho me parece o conjunto.

Pacientemente, todos os dias, num quadro traçado em folhas de papel, ia marcando os dias que passávam e os que faltavam... Assim me fui integrando na pequenez do ambiente; e, como as creanças dos collegios, ia calculando o tempo que faltava para o final.

Cheguei ao fim sem novidade. Mas quero crer que as grandes esperanças que os docentes, seguindo corre, depositam em mim, serão iludidas. A informação que hei-de ter não corresponderá á fama que

á minha volta se formou e se desenvolveu com insistência.

É o perigo de todas as famas...

Caxias.

Abril: 2

Estou a fazer horas para ir tomar o comboio para Castelo de Vide.

Vou comandar um Corpo de Exército!

É hoje hoje, de vir, a escola.

Não sei que sensação sinto, nesta altura em que o meu futuro vai decidir-se. Dará resultado este esforço todo? A impressão que me dá a ter será de molde a ir ao exame, ao celebre exame, sem grande receio?

Todas essas coisas que correm a meu respeito não sei que fundamento possam ter. Nunca percebi que fosse dos melhores. Dos piores vejo bem que não sou: há aí muita cavalgada... Mas estar á frente de tanta gente é que acho forte de mais.

Enfim, vamos lá até Castelo de Vide. É o que for será — e em breve.

É um quarto por me libertar destas supertições todas e poder cair na minha vida predilecta!

É afinal, quem sabe?

Castelo de Vide

Abril: 5.

Cá estou... Tempo horrível, ventoso, frio, chuva a cantaros e eu ainda com restos da "grippe" que arranjei há dias.

No caminho, pelas alturas de Vila Franca e seu Arambujá, distribuíram-nos o Tema do exercício: defesa da fronteira desde o Tejo ao Guadiana. Sempre comando um Corpo de exército que cobre o sector de ~~Cast.~~ Cast.º de Vide a Monforte onde tipo com outro Corpo do Ex.º comand.º pelo Barão de Oliveira. Deram-nos por comandantes das 3 Divisões meus mais meus meus que dois instructores: o Alvaro Ferreira Passos, actual director do curso do Estado-Maior e o Vasco de Carvalho; e ainda o Carlos Elias de Costa, tambem do Estado-maior. Parece-me que isto foi uma heura pois fui o unico oficial meu curso de Est.º-Maior que teve por subalternos ~~os~~ ~~os~~ officiais com esse curso, dois dos quais instructores e um director do proprio curso. Foi heura p.ª a familia...

No caminho ainda, fiz notar ao chefe da turma, o coronel Arnal Passos e Sousa, a anomalia da distribuição de commandos. Ele sorriu-se, teve um gesto amavel e vago e apenas disse:

— A quem queria V. Ex.<sup>a</sup> que fossem entregues esses officiaes?

Quer isto dizer que continuo a ser o mesmo az de tática e de estratégia... E tanto assim é que me entregaram os instrutores e com nome feito na salvença militar.

Devo dizer que, quer o Ferreira Passos quer o Vasco de Carvalho, foram de grande e distinta correccão p.<sup>a</sup> comigo; no estudo do problema, á noite, no dia da chegada, e no decorear do exercicio, sempre atentos aos meus pareceres e subordinando as suas resoluções as m.<sup>as</sup> opinioes.

Méa correccão? Simples delicadeza de homens bem educados? Não sei. O que sei é que foi assim.

O Carlos Elias da Costa, esse, estava perdido. Pareceu-me um poltre diabo, bastante fóra destas altas concepções estratégicas. Ouvi-me com atençaõ de discipulo e fazia o que eu lhe dizia.

Enfim, foram tres dias passados de baixo de temporal da Natureza e de baixo de uma tensãõ nervosa, quasi febril, que me trouxe ~~em~~ excitado em extremo, a ponto de me julgar doente e chamar um medico, por cautela. Vamos avariar embora e... acabou-se a festa.



Ora então, no reconhecimento que fiz das me.<sup>as</sup> posições, dentro dum automóvel com o Vasco de Carvalho e o Elias da Costa, sempre debaixo de chuva — aconteceu que, a sul de Arronches, quando nos dirigiamos para Monforte, e ao descer uma encosta de sobrecinal, vi á esquerda, torrencial, barrento, a galgar encostas, um ribeiro ou pequeno rio que corria em curvas para sul.

— Que rio é este, oh Vasco de Carvalho?

— É o Baia.

— Motorista, pare, faça parar!

Fiquei-me a olhar. O Baia! O muito falado e histórico rio, que eu nunca vira embora acerca dele tanta tinta e tanto palanreado se tem gasto! O Baia!...

Fiquei-me a olhar, quasi empolgado... O Vasco de Carvalho parria da minha admiração, e disse-me:

— Que quer você?... Passa aqui grande parte da nossa história...

— Não ha duvida, meu caro. E eu cheguei quasi aos 60 anos sem o ter visto...

E sem querer comecei a fazer considerações acerca da corrente barrenta, em torvelinhos, impetuosa, a correr através do sobrecinal tristonho, tão diferente do que a nossa imaginação calculava: um rio

serão, hierático, quasi soléne, que deue-  
ria passar por entre as nuayzes com  
majestade como quem arrasta seculos de  
historia heroica...

Era assim que eu imaginava o baia,  
e via-o apara naquele estado, turbulento,  
a arrastar troncos de arvores, a fazer rolar  
pedregulhos, com agua suja das terras la-  
vadas, uma neponha, enfim!

O Elias da Costa, no assento da frente,  
olhava-me sem perceber gatafina; o Vas-  
co, espirito apuro, culto, serio, e ainda  
disse malicioso:

— Sim, na verdade: é uma desilu-  
são cruel...

— Sim, motorista, vamos embora.

O carro seguiu a chaprinha pela estru-  
da; e o baia, durante uns quilometros,  
seguiu ao nosso lado, com susseuro, em  
marcha destruidora.

— Olhe, Vasco de Carvalho, disse eu p:  
tirar qualquer moralidade: afinal, este  
diabo do baia, está bem ligado a' nossa  
historia... Se bem a conseguimos, tam-  
bem de vez em quando arrasta muita  
lama, sai fora dos eixos e faz barulho  
de mais...

O Elias da Costa ouvia e, naturalmen-  
te de mi para mi chamava-me parvo; mas o

outro, com sorriso fino e caudaloso,  
concordou:

— Sim... sim... não está mal compa-  
rado...

E aqui está como eu, em 5 de Abril  
de 1939, avistei o histórico rio, de dentro  
de um automóvel, escurilhado por causa  
da humidade e com uma pontinha de fe-  
lure. Coisas da vida.

.....

### Coimbra

Abril: 8.

De volta de Castelo de Vide, com uns  
dias de deuera p.<sup>a</sup> fazer o relatório.

De tudo o que passou parece-me que  
ficou a impressão de sonho, epilopado por  
pesadêlo no Aleutejo.

Temporal, humidades, frio e traba-  
lho intenso, de arrazar.

Mas adiante. Passou.

E do balanço destes quasi cinco mê-  
ses, fica-me a impressão, reduzida a um  
numero, do seguinte — que aqui deixo co-  
mo curiosidade sem outro valor que não  
seja simples ou até inútil curiosidade.

Em Gaxias passei 155 dias;

Em Coimbra, em licenças e férias nos  
mais 19 dias;

Em Leiria, com autorização : 2 dias;  
 Na viagem de generais : 5 dias.  
 Na totalidade : 137 dias ou sejam  
 quatro meses e 17 dias.

Quanto a despesas:

Em Caxias e Lisboa : garpetas, extra-  
 ordinarias na mess, idas a Lx.<sup>a</sup>, compras  
 necessarias por estar fora de casa : 867,00  
 (oitocentos e sessenta e sete escudos).

Viagens entre Lisboa, Coimbra e Lei-  
 ria, minhas e m.<sup>a</sup> Mulher : a mesma im-  
 portancia.

Soma total : 1:734,00.

Se tudo isto ainda tiver a compensa-  
 ção do triumpho, bem está. Caso contrario,  
 o dinheiro e o trabalho foram deitados á  
 rua e eu irei para a reserva inglaterra.  
 depois de se ter proclamado aos quatro  
 ventos que eu era um dos melhores, que  
 era... era... etc.

Fechemos os comentarios.

Coimbra

abril : 9.

Escrevi hoje uma carta ao general  
 Caucero de Almeyda, director da Es-  
 cola Central de Officiaes. Agradecia-lhe  
 as atencões que teve p.<sup>a</sup> comigo durante  
 a m.<sup>a</sup> permancia em Caxias. Poderá

parecer submissão ao acto proficiatõ-  
rio está nu.º a utilidade. Mas não é.

O Cauceiro de Alluquerque teve para  
cornoigo atencões especiais e deu-me pro-  
mas de consideração que não esperava e  
nem sei se mereceria. A carta foi, pois, e  
merecida.

Coimbra.

Abril: 13.

La vai hoje carta para o dr. Alberto de  
Oliveira que se admirou do meu silencio.  
Lá fica guardada, no local proprio, a pag.º  
209, com o n.º 141.

Coimbra:

Abril: 15

Fui, ante-ontem, á redacção do jorna-  
leco local O Despertar apenas p.º lhes dizer  
que mandassem entregar o jornal em ca-  
sa de nu.º Mãe por não saber, agora, qual  
o meu destino verdade.º

Hoje, no numero q.º recebi recei uma  
noticia curiosa que guardo adiante <sup>(1)</sup> como  
amostra da intelligenza e utilidades dos  
dos jornalistas (?) coimbrenses.

Coitados deles.

---

<sup>(1)</sup> No final do vol.º a pag. 403.

Leiria.

Abril: 17.

Apresentei - me hoje, depois de ausência demorada. E logo por boa sorte encontrei uma nota afectuosa da Legião Portuguesa a pedir - me 15000 para pagam.<sup>to</sup> do diploma e selo da medalha de prata com que me galardoaram ha tempos.

Muito amáveis, os legionários.

O command.<sup>te</sup> distrital, pareceu, disse-me que se admirára muito de a resolução superior ter levado nove meses - pois a proposta para a medalha foi remetido daqui em Junho do anno passado.

Leváraam todo este tempo a pensar e a amadurecer o assunto.

Bom sinal. Vê-se que, lá nos altos da Legião ha ainda um pouco de consciencia....

Leiria

Abril: 24.

Hoje, em aditamento á nota anterior, recebi o diploma da « Medalha de Dedicção da classe de prata » da Legião Portuguesa.

Vou de novo em joça!

Eu, dedicado amigo da Legião, condecorado com a medalha de prata! Quem o havia de dizer....

O diploma, com selo fiscal e assinatura do Casimiro Teles! Tudo em ordem.

E tive de pagar 15000.

E' o amargo das honrarias.

Leiria :

Mais : 19.

O Athilio Valdez de Passos e Sousa foi ha dias a exame p.<sup>o</sup> General e desistiu logo a seguir ás primeiras duas horas. Explicou perante o jury que o problema que lhe deram se não resolvira e em virtude disso resolveu-se a desistência.

Coumo se tratava do Passos e Sousa, antigo ministro e homem de influencia, o jury sentiu-se tocado. Houve atrapalhacões, o presidente, o Julio Ernesto de Moraes Sarmento disse que certamente ele estaria incomodado, que o exame se adiará, enfim, todas as facilidades p.<sup>o</sup> evitar o escandalo. O Passos, porém, firmemente, com a dureza que todos lhe conhecem, insistiu: o problema era irresolvel, a saude era precaria, entregou a desistência como prova exacta. <sup>re</sup> de que estava com serenidade.

Houve discussão no auditorio. Depois de troca de facilidades por parte do jury com palavras duras e incisivas por parte do candidato — este fez uma acérrima resposta.

ra e pain de cake, alta. Placue, verdadeiramente, assombroso...

Calculo bem o que seria a cêna; e como na assistencia haveria muitos candidatos, imagino o terror que o caso causaria entre eles.

Ora pensando no assunto (e não será necessario pensar muito) a chave do drama não será difficil de descobrir.

No juri ha 3 generais, antigas creaturas do Norton de Matos, Pereira Bastos e outros vultos democraticos: aos elles o Carlos M.<sup>o</sup> Pereira dos Santos, o Tasso Miranda Cabral e o Ant.<sup>o</sup> Gervasio Conceição de Albuquerque, todos tres, hoje, convertidos ao Estado Novo e reempados completos dos Venuzos ominozos da Republica. Diz-se com insistencia que o Tasso e Sousa quando, pela prim.<sup>a</sup> vez foi ministro da Guerra, deu certos apertões aos dois primeiros citados de quem desconfiava politicamente. Ora se atendermos a que a natureza humana é fraca e o prazer da vingança não é só appanagio dos deuses, não custa a acreditar que o problema torjado p.<sup>a</sup> o candidato Tasso e Sousa fosse irresolvel p.<sup>a</sup> o colocar em situação má e na contigencia duma afouvação per favôr — pois não quero crer que elles imaginassem tal defecho.



E p.<sup>o</sup> confirmar esta hipótese, ha quem notasse na cara dos dois generais Tasso e Pereira dos Santos sinais claros de atropelamento durante a cena da desistencia.

Tudo é possível. A natureza humana tem reflexos insondaveis. E a organisação dos problemas p.<sup>o</sup> o exame é absolutamente secreto...

Ora eu que fui condiscipulo do Passos e Sousa e que nestes mezes passados em Caxias fomos companheiros amáveis e assíduos quer ás noites, em conversas p.<sup>o</sup> passar o tempo quer no estudo de certos pontos dos problemas do curso, entendi que lhe devia escrever amavelmente, em tom de solidariedade.

Escrevi pois uma carta q. fica copiada no livro respectivo, a pag. 211, com o numero 142.

Escrevi tambem ao Luis José da Mota, sobre o assunto e animando-o perante este desastre. O Mota foi o meu companheiro de trabalho em Caxias, tipo completo do homem tenaz, e com a força de vontade invejavel de triunfar. Tem o sonho de ser general, ~~compreendendo~~ sonho de ha muito; desconfio de que o veja realizado. A brigada? ainda irá, mas mais acima, não sei. Ver-se-ha, com o tempo.

A carta fica a seguir, a pag. 211 e com o n.º 143. É carta para animar, para não incutir coragem — que não sei se ele precisará. No entanto lá vai.

Leiria.

Mais: 13.

Hoje, de manhã, recebi o seguinte telegrama em cifra, do Quartel-general de Região, transcrevendo outro telegrama do Gabinete do Minist.º da Guerra:

« Passa amanhã aniversário nomeação sub-secretário guerra. Ministro da Guerra veria satisfação essa quermição as unidades se assim entenderem, prestar na mesma data telegrama qualquer homenagem aquela entidade. Mando cifra difficult.º falar pessoalmente telefone. »

Este telegr.º, de ontem, tinha o n.º 128, expedido de Tomar sob o n.º 30/55 P.59 pelas 17 h. e 30 m.

Trata-se, na apparencia, de mera cortezia, para celebrar aniversário — que é uma das mais curiosas feições da politica actual.

Mas, nos bastidores, as coisas não se passam assim.

O exame do Passos e Sousa tem de do que falar e levantar celeuma. De Lisboa chegam noticias de discussões, de protestos, de conciliaculos, etc. etc. que eu calculo sejam apenas e simplesmente... platónicos. O sub-secretario Santos Costa é visado como fautor deste estado de coisas que coloca os caroneis candidatos ao generalato num autentico jeu-pau-jeu para se arranjamem vagas para a rapaziada que hoje manda.

Diz-se até que a efervescencia é toda contra ele mais do que contra o juri — o que me não parece justo de todo.

Enfim, de uma maneira ou de outra, o certo é que o sub-secretario está na berlinda. E as más vontades latentes, tem agora esta valvula de saída que eu não acredito tenham valor de qualquer especie. Apenas de salafos e basofias; a subservidencia é hoje dominante — e ninguém levanta a grunha.

Ora o telegrama do amijo Salazar é mais uma esportada jesuitica. Oleripa annualmente todo o exercito a fazer o que não deseja; e assim alega perante o publico que o exercito está com ele (ou com eles) e, ao mesmo tempo, oleripa todos os comandos e direcções de serviço a curvar a

calçada e a não dizer mais nada. E, de certo, ficou-se a rir com os seus botões...

Consultei, é claro, os comandantes das unidades. Ambos, pressurosamente concordaram na homenagem. E eu lá mandei o telegrama, em nome da guarnição, e a seu pedido, com cumprimentos simples e secos pelo quarto aniversário da fosse no ~~o~~ cargo que S. Ex.<sup>ta</sup> exerce. Tive o cuidado de não meter adjetivos e de usar simplesmente o mais telegrafico dos estilos telegraficos.

Mas, afinal, suparei-me. No telegrama dizia quarto aniversario quando apenas é o terceiro... Ninguém reparará no erro, mas se repararem direi que se salva a intenção, que da minha parte não podia ser melhor...

Fui adeantando um ano. Fui o mais suave possível.

### Leiria.

Mais: 14

Era verdade o que eu pensava. Nos jornais de hoje, com parágrafos de mais ou menos relevo, vem a longa noticia dos cumprimentos ao sub-secretario da Guerra, o muito illustre Saulo Costa, a quem todo o exercito presta homenagem.

O cavalheiro disprou-se responder aos cumprimentos que, pessoalmente, a guarnição de Lisboa lhe foi apresentar, com um tempo e bem elaborado discurso.

Começa, como é óbvio, com os devidos louvores ao patrão Salazar; exalta a obra (?) realizada e tem um passo na discursata que resolvi arquivar porque, na verdade, me pareceu: « não interessa ao "exercito a existencia nas suas fileiras de "uma ou duas dúzias de sabios... » Que diabo quer isto dizer? Será carapuceo para alqueem?

Não quer sabios no exercito. Está no seu direito. O que ele quer é arrimo, resolução, vontade para renovar o material que nos dão.

O passo referido cá fica guardado — para meditação...<sup>(1)</sup>

### Lisboa.

Maio: 15.

Apresentei-me ao Estado-maior supeja na Presidencia do jury de exames.

Sempre me resolvi... É curioso q. encontrei nos companheiros a maior calma, a maior conformidade. Perante o

<sup>(1)</sup> No final, a pag. 417.

caso do Passos e Sousa e a estúpidez do sistema de exames, notei que tudo estava bem. O mesmo se confirmou, a mesma indiferença com que em Caxias se falava no assunto. O próprio Barreto de Oliveira, austero caracter e de pensar integro, ao falar do seu campinho de estudo, explicava a desistencia por cansasso fisico e mental; nos ultimos dias esgotara-se e quando foi para o exame ia extenuado, quasi impossibilitado de trabalhar. Falou ainda vagamente na irrimizade do Passos de Miranda Cabral p.<sup>o</sup> com o Passos — e me deu um sinal, tipico que fosse de protesto.

Acabou-se.

O major-general, Morais Sarmiento, recebeu-me bem. Nunca falara com ele e deu-me a impressao de que me olhou com curiosidade. O Pereira dos Santos foi oficialmente cortez. Os outros responderam ao meu cumprimento banalmente e só o Cauceiro de Albuquerque deu mostras de certa cordialidade.

Eu fim!

O figado já se ressentiu e transmitiu o seu mal estar ao intestino; com forma diferente, isto é possível que corresponda ás colicas de ha 40 annos... Contudo, parece que me sinto quasi indiferente.



Em 28 de Maio de 1939, no pas-  
sagem da Estação do Brasil.

nao de Passos e ... a ... de  
restaura de ...  
O ...  
nao ...  
falou ...  
Olinda, ...  
tudo, ...  
explana ...  
e ...  
quando ...  
de ...  
de ...  
Miranda ...  
nao ...  
estabele ...  
O ...  
nada ...  
e ...  
nao ...  
oficial ...  
denari ...  
e ...  
traz ...

comprim!

O ...  
nao ...  
nao ...  
nao ...  
nao ...  
nao ...



Couseguirei serenidade p.<sup>a</sup> ir lá dizer qual  
quer coisa feita da rotina dos outros exa-  
mes? Terão os meus trabalhos conhecidos  
e publicados o cuidado de interessar o júri  
e junta-los á fama de salutar que me  
creáram?

Ver-se-ha no dia 5 de junho.

Leiria.

Mais : 22.

Audo cá e lá, inquieto e desanima-  
do. Fui apara a Lisboa ver os exames do  
Sleurgue de Melo e do Luis José da Mota.

Cada vez me arrependo mais de ter  
tar a parte.

Leiria

Mais : 24.

Respondi hoje ao alcade do Baçal, Padre  
Francisco Manuel Alves, que me ofereceu  
meus volumes que me faltavam da sua  
grande obra Memorias archeologico-his-  
toricas do Dist.<sup>o</sup> de Bragança. O meu can-  
discipulo Ant.<sup>o</sup> José Teixeira que foi meu Ca-  
xias campañh.<sup>o</sup> de curso, foi dizer ao alca-  
de que eu não tinha a obra completa e  
o rethote quiz ser amavel.

A carta está no vol.<sup>o</sup> respectivo, a pag.<sup>a</sup>  
213, com o n.<sup>o</sup> 144.

Lioba.

Mais : 29.

Fui hoje ver o exame do Luis Mota a quem trataram afavelmente e aprovaram parece que sem grandes dificuldades.

No final, nos corredores, eu conversei para com um e com outros, e ia dizendo que não tinha ajuda a certeza de me apresentar a exame; e, com franqueza, dizia isto para ver o efeito da minha incerteza nos circunstantes.

O Ernesto Machado que em Caxias foi o adjunto do Passos e Sousa na minha turma e que ha muito percebe o meu desfalecimento e abarrecimento, chamou-me á parte para me dizer que não fizesse asneira, que eu era, em Caxias, um dos melhores cotados, que eu tinha o meu nome feito e (dizia-me em segredo) o júri tinha a melhor impressão a meu respeito e « queria aprovar-me... »

Devi, agradei e não desgostei da informação. Mas a impressão má do exame, essa, é a mesma. E apesar de todos estes bons prognósticos, sinto-me, como até aqui, da mesma forma abarrecido e ainda indeciso.

Vamos a ver.

Lista:

Junho: 5.

Carta a m.<sup>o</sup> Filho que, de Leiria, não  
 perde ocasião de me animar e impor con-  
 fiança no éxito:

« Oleripado pelas tuas noticias. Quando  
 receberes esta já estarei metido no salão  
 da biblioteca do Estado-maior (por sinal que  
 excelente biblioteca) ás voltas com qualquer  
 complicada operação tática. Por muito su-  
 perior que queiras ser a estas misérias e con-  
 tinuências da vida, o certo é que não me sin-  
 to á vontade; julgo que vou para empresa  
 estranha e muito incerta, apesar dos pro-  
 quosticos constantem.<sup>te</sup> favaráveis.

« Ao mesmo tempo desejo o final  
 disto tudo: encontro-me, perfeitamente  
 saturado de tática, incapaz de prestar aten-  
 ção a qualquer dos variados capitulos des-  
 se conjunto a que chamam ciência e que  
 os nossos mestres cantores querem fazer  
 hermetica, tal como os nefelibatas, « para  
 os raros apenas... »

« Veremos amanhã seerei desses ra-  
 ros que conseguem romper em pelo menos  
 sondar os mistérios sagrados. O Mota, esse  
 rompeu-os a junho fechado e face conpe-  
 tionado; mas eu que vou alimentado a

caldos de farinha e rebuçados de ovos, terei de usar meus calçada e palidôr no rosto... Isto é tudo uma grande lancha, como diria a tia Cecallina; e estou já farto de expectativa.

« Bem, adeus, lembranças, etc. »

Aquella é realmente a prova escrita, a primeira grande prova!

Que sairá dali?

Não tenho grande confiança no éxito. Sinto que aquilo não é coisa p.<sup>a</sup> meu; sei por outra, que eu não fui feito para tais audácias.

Terei eu forças para me impôr e terminar? Ser-ei desfalcoim.<sup>to</sup> e abandonarei a tarefa como é mais proprio do meu temperamento?

Mãe dileta.

Lisboa.

Junho: 6.

Sempre fiz a primeira prova, a escrita, a grande prova.

.....  
Nunca julguei, francamente, sujeitar-me a tal prova e a tal vexame.

Vexame, sim. E' o nome.



**MINISTERIO DA GUERRA**

3.ª Direcção Geral

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

*Juri para avaliar as  
provas de aptidão para  
a promoção ao Posto de  
Maj. General*



N.º 374

Referências:

**SERVIÇO DA REPUBLICA**

Lisboa, 1 de Junho de 1929

Ao Sr. Coronel BELISÁRIO PIMENTA

Rua de Santo Amaro, à Estrela, 41 - 2.º

LISBOA

Digne-se V. Ex.ª comparecer neste E. M. E. na próxima terça-feira, dia 6, pelas 10 horas, a fim de prestar a sua prova de gabinete do exame para o posto de General.

Pol. O PRESIDENTE DO JÚRI,

*Francisco Sá Carneiro*

# SERVIÇO DA REPUBLICA



**MINISTERIO DA PREVISÃO**

Largo do Senado, 2

BRASIL

Largo do Senado, 2

1920

LARGO DO SENADO

LARGO DO SENADO

LARGO DO SENADO

LARGO DO SENADO

LARGO DO SENADO

Lisboa

Junho: 8.

Escrevi duas cartas que, por serem clara da documentação do meu estado de espirito, aqui as deixo.

A primeira é para o velho amigo coronel Francisco Gomes a quem prometi dar noticias:

«... Como prometi, dou-lhe parte que já fiz a prim.<sup>a</sup> prova do terrivel exame em 6, ante-ontem. Não fui feliz. O tema era bastante charada (como não agora) e bem que com apparencia de facil. As 6 horas não chegam, passam-se nervosam.<sup>te</sup> a resolver sem reflectir. É o contrario do que deve ser, mas é assim. Fiquei descontente, com a agravante de, na exposiçáo verbal que se faz no fim das primeiras duas horas, a tensáo nervosa e a depressáo moral que me atacávam ha muito, iam-me deitando ao abaixo. Vi gestos de cair redondo, no chão, o que, para tripad.<sup>o</sup>, é deprimente...

« Vou mostrar a prova ao general Couto para ele dar oprimiçáo; depois resolverei se me devo apresentar á sessáo oral, em 13, ou se entregue a desistênciã antes.

« Tenho-me arrependido muito de me deixar atacar pela brecheja da vaidade.

Estava m.<sup>to</sup> bem em m.<sup>a</sup> casa, em Coimbra, como coronel no quadro da reserva, nesta altura a cultivar craveiros e manjericos e iudo, uma vez por outra, aos Tóvins, conversar com U... e com o velho am.<sup>o</sup> Laureuço.

« Bem fim, verêmos. No dia 14 de U... não vir nos jornais o meu retrato (usa-se para esse sistema de retratar os novos tripas<sup>os</sup>) já sabe que me aconteceu o que me devia acontecer. Bem rapaz, lê Epicteto, que me ensinava a ser modesto e a não querer passar adiante dos outros, pois lembrava que é sempre bom pensar-se que poderêmos muito bem ser dos últimos.

« Não fiz caso do pobre filósofo!... E aqui estão neste bico que, felizmente, tem ainda uma saída airosa.

« Peço o favor de dar estas notícias ao Laureuço de Almeida p.<sup>a</sup> o qual quando um abraço. E U... creia-me, etc. »

A outra carta é para o Eduardo de Cunha Oliveira que nunca deixou de me supurrar para o curso de Caxias e para o exame final:

« . . . Sei que se tem interessado pela m.<sup>a</sup> situação. De Coimbra, m.<sup>as</sup> Truças



o disseram. Ainda bem! Vê-se que o meu Am.º tem rebatões de consciência por ajudar a meter-me em tais assados de que estou, creio, arrependido.

«A prova de gabriete não me satisfaz. Creio que é fraca. Além disso, no exposição verbal ia indo abaixo com a depressão moral em que ando há muito. Os homens fizeram caravana...

«Vou mostrar a prova ao gen.º tanto por desfastio. Mas poucas esperanças vejo no exito. É possível que apresente a desistência para evitar desastre ou favôr. Qualquer dos casos me seria igualm.º desagradavel. Veja lá no que um homem pacato como eu caiu em se meter! Eredite, meu caro Oliveira, que quando me vi fechado no salão do Estado-maior com 6 horas em frente para a resolução da charada, que quise a mim mesmo se não sonharia e se, na realidade, eu estava a concorrer ao generato... Sempre julguei impossivel uma coisa destas; e, para cumulo, um vizinho do bico do lado nascente, qualquer filarmónico de sociedade recreativa, tocava furiosamente em clarinete as arias reais em voga nesta Lisboa presada e desejada.

«Quer dizer: o rapaz, sem o saber, lançou sobre o acto serio que eu praticava,

o ridiculo seu, pelo successo, a ironia das  
 suas caucões de talheria.

« Eufim!... O meu desejo, neste mo-  
 mento, é o possesso de espirito e a tranquil-  
 lidade que me dão os meus livros e os meus  
 trabalhos predilectos. Terceiro que era Fr. Antõ-  
 nio das Chapas que me dizia serem as gran-  
 deras e heuras meusas de se perder a mes-  
 destia á custa da ignorancia.

« A prova oral é em 13, dia de S.<sup>to</sup> An-  
 tonio. Fará elle o milagre, isto é, mais um  
 milagre? Os meus agradecim.<sup>tos</sup> pelo seu  
 cuidado, etc. »

### Lisboa

Junho: 10.

-Carta a m.<sup>te</sup> Filha. Deixo-a aqui pelas  
 mesmas razões das anteriores. Escuso de  
 estar a escrever mais lamurias.

« . . . Não escrevi ontem. Escusava  
 de te incomodar no dia do natural triumpho  
 da conferencia. (1) É quasi certo a apresentar,  
 na prox.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> feira, a m.<sup>te</sup> declaração de desis-  
 tencia á segunda parte do exame. O ge-  
 neral Cauto examinou a prova escrita

---

(1) Conferencia sobre Carnões, no Liceu de  
 Rodrigues Lobo, em Leiria.

com cuidado e disse, como resumo « que  
 "estava bem e que estava mal.» Mal porque  
 a 1.<sup>a</sup> interpretação não era a que o júri  
 queria; bem, porque dentro da interpreta-  
 ção não há erros sensíveis. Disse-me que  
 fosse á prova oral, que o júri «tinha obri-  
 gação de me aprovar», mas... eu não  
 me sinto em estado de desafiar as ironias  
 dos generais, não confio na reincin-  
cia se apertarem muito e tenho receio de  
 que não cumpram a obrigação... Prefi-  
 ro a renúncia a tempo e voltar ao ano-  
 nímato.

«Ando deprimido e não me apresentaria  
 com a serenidade necessária, tanto mais  
 que nunca me senti bem naquele ambien-  
 te e todas as vezes que ia assistir a exa-  
 mes, saía com a resolução de não voltar  
 aquella sala. Estão a pagar a não concordan-  
 cia dos actos com as afirmações embora in-  
 firmas.

«Falei já com entendidos. Dizem que  
 o caso não é tão feio como ~~parece~~ eu o  
 sinto. Coisas muito graves lá têm apare-  
 cido (v.g. o Vitor Franco, Gaudencio Triunfo  
 de et alii) e lá passaram. Mas, ao mes-  
 mo tempo apontam os senões e propõem  
 argumentos de defesa tão especiosos que eu  
 não saberia apresentar perante o tribunal

inquisitorial. Enfim, tempo precioso e dinheiro não menos precioso perdidos.

« Prova-se, ao menos, que aquilo continua a ser lotaria e que eu continuo a não ter parte. É o caso da Inês de Castro, contada. Lá fui ouvir a ópera do Rei Coelho.<sup>(1)</sup> A miséria e mesquinha foi, outra vez, assassinada. Os feroz matadores chegaram a agarrá-la pelos braços porque não estava disposta a ir à degola... Mas foi, enquanto o D. Afonso IV cortava as cartas de estopa. A musica deve ser bem feita, mas pouco compreensível; é monotona; orquestração talvez demasiada, etc. Guardei o argumento p.<sup>a</sup> a colecção.

« É até qualquer dia, etc. »

Lisboa.

Junho: 13.

De manhã. São 8 h. horas. Dia de S.<sup>to</sup> António... Minha filha, perante a carta q.<sup>a</sup> ficou acima, correu a Lisboa p.<sup>a</sup> me dar alento.

Sempre vou á segunda prova. Sou demónio! Resolvi sujeitar-me á reprovação. Acho melhor. Convençei-me de q.<sup>a</sup>

---

(1) No Coliseu, em 8, por amadores. Orquestra regida pelo Rei Coelho.



# MINISTERIO DA GUERRA

3.<sup>a</sup> Direcção Geral

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

*Juri para avaliar as  
provas de aptidão para  
a promoção ao Posto de  
XXXXX General*



N.º 393

Referências:

# SERVIÇO DA REPUBLICA

Lisboa, 8 de Junho de 1929

Ao Sr. Coronel BELISARIO PIMENTA

Rue de Santo Amaro, à Estrela, nº 41 - 2º

LISBOA

Digne-se V. Ex.<sup>a</sup> comparecer neste E.M.E., na próxima terça-feira,  
dia 13, pelas 14 horas, a fim de prestar a sua prova oral do exame  
para o posto de General.

PL O PRESIDENTE DO JURÍ,



a desistência era fragueza. Os homens do júri têm de tomar a responsabilidade.

Vamos a isto — sem fé no júri, sem fé em mim e até sem fé em S.<sup>o</sup> António...

A' noite...

Aconteceu o que devia acontecer. Os homens reprovarão-me.

Talis vita, finis ita.

Assim devia ser. E foi justo. Ninguém me mandou lá ir.

Leiria.

Junho: 17.

O que é mais curioso em tudo isto é que, dos caroneis do curso de Gaxias, devia ser eu o unico que sempre disse não ir a exame p.<sup>a</sup> general.

Realmente, a minha ida para a Escola Central de Officiais foi nessa persuasão: não havia exames! A actual organização do exercito acabou com isso e eu ia confiado na facilidade relativa com que faria o curso e depois em que poderia ser escolhido p.<sup>a</sup> o posto immediato.

A confiança era, de certo, demasiada e ingénua; mas enfim, apesar de não andar muito á vontade no ambiente, ia nessa doce ilusão.

Mas... ao chegar a Caxias, o espectro dos exames surgiu! Iriamos fazer o curso do 4.º grau como autônomamente, e haveria exames porque no Estado-maior não deram andamento á proposta da escola, relativa a períodos de treinição que acabaria com o exame e procuraria formula satisfatória.

Os generais não quizeram deixar de mãos o poder arbitrario de fazer ou desfazer tripadeiros; e o sub-secret.º Santos Costa (a quem a facécia nacional aporchaama sub-sacatrafos) não foi contra isso alegando que não iria entrar na competição do Estado-maior.

Deu-se, então, em mim, uma luta grande que me ia abalando: continuo ou não continuo? Pensei em vir embora e abandonar de vez aquela baixeira toda — porque a verd.ª é que via em todos uma humildade incômodativa, uma subserviência irritante, quasi carneirada que se sujeita ao cacete do pastor quando nê, lá adiante, a pastagem farta.

Ardeei nesta luta algum tempo; depois alguém (não me lembro já quem foi) disse-me confidencialmente:

— Não se vá embora, homem! Tudo isto acaba por não haver exames... Es.



tão a estudar o assunto no ministerio da Guerra. Vai ver! vai ver!...

Nesta altura houve a desistência do Dires Monteiro que causara sensação e havia corrente forte favoravel ao desaparecimento dessa prova que afinal estava a provar dar os resultados contrarios. Veiu depois a reprovacao do Artur Pereira do Mesquita, de Cavalaria, que mais revoltou quem tem consciencia livre e se não curva ao Interesse.

E assim fui continuando o curso sempre á espera do desaparecimento do exame. A' minha volta começaram a espalhar-se coisas agradaveis; dizia-se que eu era dos melhores, que as minhas decições feitas nas varias provas eram discutidas e creavam doutrina, etc. etc. — coisas que não sei bem como surgiram mas que, na realid.<sup>de</sup> surgiram. E eu cheguei ao final do curso muito cotado realmente e obtive uma informação boa, uma de quatro ou cinco melhores.

Estava, pois, em condições de, nessa altura, renunciar ás glorias e vaidades e recolher a casa com a informação obtida para encaixilhar em moldura de espauento... Mostraria a todos que fui capaz, contra os prognosticos de muita gente, de fazer

o curso com relativa facilidade e de me colocar ao lado daqueles que nunca pensaram nem mantiveram coisa e nunca perderam sua coisa. Mostraria que conseguira o que dependia de mim e que abandonava o resto que apenas dependia da parte e da boa ou má vontade dos outros. Não me iria sujeitar a qualquer vexame por que os generais do juri me fizessem passar.

E era, na verdade, a boa altura de apresentar a desistência e dar assim uma lição de desinteresse e independência.

Mas...

Começam aqui os mas.

Toda a gente me dizia: então agora que você conseguiu uma informação dessas é que desiste? então sabendo-se que a boa ou má informação é decisiva no exame é que se vai embora? então no momento próprio do triunfo, quando tudo se prepara para bem é que retira como qualquer S. Francisco de Assis?... Etc. etc.

E isto era claro e razoável. Na verdade com as indicações que tinha, não se compreendia que renunciasse assim tão franciscanamente ou tão marco-aureliamente. E eu compreendia mais ou menos que assim era e que, independente de vaidades ou de qualquer acúleo natural que

me ficasse para deante, eu tinha a impressão de que seria capaz de fazer o exame sem grande medo dos generais ~~mas~~ cuja superiorid.<sup>de</sup> intelectual me não assustava porque... a não tem.

Levado assim á tona destes raciocínios, passei os dias indeciso: ao mesmo tempo que sentia interiormente o anjo desejo da renuncia. A luta continuava.

E' que, para elam.<sup>te</sup>, eu reconstruía in mente essa terrivel prova que, pelo regulamento, se chama exame de aptidão para o posto de general. Já de ha muito ouvia dizer coisas inumerosimas a respeito dos seus resultados, bem patentes, aliás: valores autênticos do exercito deitados abaixo; nulidades verdadeiras aprovadas e promovidas. A prova estava condemnada por natureza, não se admitiria em qualquer país onde se trate a sério do escol de commandos. E ainda com a agravante de os proprios membros do jury fazerem côro com estas afirmações!

Nos exames a que assisti, duas vezes ouvi dizer aos generais, do alto das cátedras:

— Bem sabemos que V.<sup>o</sup> perdeu, nesta prova, pelo menos 50% das suas qualidades e merecimentos...

Isto ouvi eu, bem claramente, e ouviram todos.

Depois, tudo aquilo me impressionava de forma estranha: o ar tibetano de inquietudes que os generais tomavam ao passar e ao sentarem-se nas grandes cadeiras; a sua maneira de argumentar que p<sup>o</sup> uns era blaudiciosa, para outros violenta e falsa; as diferenças de tratamento que para uns era de algodão em rama para outros de punhal afiado.

Etc. etc.

Vi cenas extraordinárias: erros de doutrina graves, considerados amavelmente como lapsos; simples deslizes consequencia da precipitação com que a prova é feita, considerados duramente como erros graves... Para uns havia sorrisos, cumprimentos, avanços; para outros a expressão dura e afôdos cruéis.

Abceronel Benjammim Luizes dos Santos, de Cavalaria, o Pereira dos Santos, com sorriso velhaco, classificou de Rosalino Caudo: de Sampaio e Brito; e como o candidato tivesse um assômo de revolta, o general disse-lhe com ar superior que a Torre e Espada que tinha ao peito de nada ali lhe valeria... E isto dito com expressões de despreso!

Ao Artur Pereira de Mesquita, de Cavalariá, a maneira incorrecta e insolente como o Terno Cabral o tratou foi de tal molde que aquelle, dirigindo-se ao presidente do jury, exigiu mais respeito e mais delicadeza para o seu posto, para a sua idade e para a sua vida tempo de cidadão, alegando ainda que estava ali porque se sentia com todos os direitos a isso, etc. Um escandalo.

Mas para o Gaudencio Trindade, homem de sacristia, baloto e vaidoso, que fez umas provas desgraçadas, tudo era amabilidade, tudo eram blandicias e desculpas como se o jury é que tivesse feito as asneiras da prova...

E a respeito deste Trindade posso contar o seguinte: como se viu perdido com a pessima prova, pensou na desistência. E' por isso houveem de igrejas e bispos e tem um irmão cônego de alta categoria; e o caso camufo's-se. Em Coimbra sabia-se, nos meios clericais, dois dias antes da prova oral que, houvesse o que houvesse, ficaria aprovada. E a verdade é que ficou e com 14,6 de classificação — apesar de, na prova oral se limitarem a rir, a concordar com os arguentes, a dizer que as asneiras escritas foram

pois foi

lapses e a afirmar seu lealdade (sic) que a intenção com que escrevera certos passos da prova que estavam errados era exactamente a contraria... Isto não se acreditará, mas infelizmente é verdadeiro.

Depois, eu considerava que, naquelas primeiras duas horas possivelmente os mestres e escapavam os católicos. O que havia de misterioso naquelas 120 minutos que transformava tanto a realidade anterior? Não compreendia bem aquilo. Parecia que tal prova era a subversão de todos os princípios e de todas as regras — agravada ainda com a afirmação que a alguns vogais do júri se avisou de que ela nada representava para a avaliação de merecimentos.

O Luis Motá disse que, desde o começo da prova escrita, não invisível dava com um ruído grande na cabeça do candidato e o atordoamento levava tempo a passar. E realmente o ruído é racional: quando, ao fim das duas horas se realia a sessão, o candidato aparecia nos seus outros aspectos, em regra caído, acabeinhado, com feições escuras de convalescente.

A tudo isto se juntava a impressão de inferioridade intelectual dos generais

do júri e ainda o facto de nada valerem para o julgamento a vida anterior do candidato, os seus meritos pessoais, as provas dadas em qualquer campo de actividade, etc. etc. O júri considerava o exame para general e absoluto, como se o examinado caísse do céu, sem outra ligação com o ambiente.

De modo que eu, intimamente, sem juze protestei contra a ida a tal provação q. achava degradante. O termo não é exagerado. E sempre, no meu intimo, renunciava lá não ir.

Infelizmente, levado pelos conselhos e indicações amigas que a traz ficáram em varios pontos destas notas, lá fui ás forças candidas, arrastado, quasi desmoralizado, com grande tensão nervosa, sem confiança no meu saber e na minha vontade.

Assim se começou o final da aventura estranha.

O dia 6 estava quente; havia ameaça de trovoadas que rebentou depois e me despenha real; a atmosfera, por consequencia, carregada; pouca luz no grande salão fatidico... Por detrás de uma porta de vidro, meia-oculta por estantes, que dava para entrada particular, ouvia-se

a tosse catarrrosa dum referuado posto de pentinela — não fossem os nossos co roneis arraujar uuma batotinha para auxiliar a resolução do terna. Numa ca sa do bêco em frente, qualquer filarmô nico ensaiava, em clarinetê, as arías q. Veria de tocar nas marchas da proxima noite de S.º Antonio.

É claro que, pouco sereno, não teria visto completamente o problema, isto é, a preocupação da gressa, dominante em todos, não me deixaria calcular, com certa segurança, como eles queriam a solução. E assim, afincurivo com o tempo que corria, lá resolvi as duas partes do terna sem notar, realmente, certas con tradições em que poderia cair.

O terna era, como os anteriores, ~~de~~ enorme, vagam.º confuso, cheio de al çapões, com o seu quê de charada — obra acabada do Pereira dos Santos que, duran te um periodo de inuobilid.º motivado por demorada flébite, construiu vasto con junto de problemas que serviriam já e combinarão a servir de ratoeiras e cila das a tantos candidatos.

A má inuexperiecia de me liurar de tais ardis e, ná lá, certa despreocupação que vinha do meu estado nervoso e do ma



lural abatimento, fizeram-me cair em um ou outro alcapão e não me deixaram integrar no charadista que é necessário ser naquelas duas horas.

Ao chegar á exposição perante o júri e o respeitavel publico, estava já mais ou menos exaustão pela emoção que não conseguí dominar e deprimido por todo aquelle conjunto: desde a trovada euer-naute e das arias do clarinete, até ao affecto mural do acto.

Comecei a exposição creio que bem; mas a certa altura a fraguera e a minha negação p.<sup>a</sup> tudo apouco ~~compreendi~~ tive-ram a sua acção nefasta; senti, a pouco e pouco, um vago mal-estar; começou a correr transpiração abundante e tive a sensação de que ia cair. Acabei a parte da atabalhoadamente para me libertar do espectáculo desagradavel que devia estar a dar e com medo (como depois cá fora se cearam) de cair redondo.

Quando o júri se levantou e saiu, o Vasco de Carvalho chegou-se ao pé e disse-me apressadamente:

— Você resumiu muito, mas siga esse caminho. Vá para deante...

— Isto foi uma trapalhada.

— Não! Está bem! Siga assim!

Não sei se o Vasco falaria verdade  
se simplesmente me quereria animar.  
O certo é que, ao ver-me de novo só, na  
aquele salão fútilico, senti-me aborrecido  
mas, ao mesmo tempo, tranquilo.

Bem, pensava eu; a exposição não  
foi boa, mas como a resolução vai no  
devido caminho, o resto talvez seja capaz  
de fazer. E realmente foi.

Dentro da orientação tomada mas fui  
meiras duas horas, as decisões que escre-  
vi, correntemente, sem hesitações, sem  
emendas, com letra firme e toda igual,  
estavam perfeitamente ~~coerentes~~ coerentes.  
Não haveria que dizer aparte certos re-  
ques inevitáveis em tais casos.

Cheguei ao fim das quatro horas a fi-  
nal bem disposto, tranquilo, e sem cau-  
çasso... Não lá entender a natureza hu-  
mana!

Apenas tinha atravessado a minha ex-  
posição da 1.<sup>a</sup> parte da solução. Que demó-  
nio! Porque não atrevesei eu a vontade  
sem vez de me limitar a um simples pa-  
ço de farinha?

Mas enfim, a prova não deveria estar  
má e a precisão das decisões, a sua orde-  
nação e coerência, compensariam suficien-  
temente a má exposição verbal. E com

este estado de espirito, na ultima meia hora, comeccei o relatório justificativo que limitei, na verd.<sup>a</sup>, a simples frases mais ou menos arredondadas, para cumprir a formalidade. E, confesso, sem dar importancia a um apêndice a que não vi, em qualquer dos exames anteriores, fazer referencia por frequencia que fosse.

Ao dar a hora, o general Cauceiro de Albuquerque entrou p.<sup>a</sup> encerrar o meu trabalho.

— Oh sr. general, disse-lhe eu: isto é uma prova tremenda! Não ha modo de se fazer coisa com geito em tão pouco tempo e em tais condições...

O homem mostrou um vago sorriso, quasi enigmático:

— Realmente... Isto tem de se fazer pelas « reflexas »...

E lá fui eu ao gabinete do major-general entrepar os papeis. Foi então que reparei no aspecto dos homens: estavam todos de trombas, com os olhos no chão ou como quem diz, sobre a mesa a' volta da qual se sentavam. Nenhum levantou os olhos e o major-general disse apenas e recamente:

— Pode retirar-se. Não é necessario mais nada.

Eu não convencido da verdade: estava condenado!

No dia seguinte, segundo a regra, voltei ao Estado maior para receber a cópia da prova. Encontrei amavelmente amável; os ajudantes mostraram-me alegres e bem dispostos; o do chefe do Estado maior, por cujas mãos corre o assunto, levou a m.<sup>a</sup> prova, pela correção da letra, clareza da redação e... boa apresentação! Confessou-me até que, desde que ali está em serviço, nunca vira prova como esta, que vinha sempre que pedir ao candidato p.<sup>a</sup> ditar ao dactilógrafo, tão baralhadas, emendadas e mal escritas elas vinham; ao passo que a minha já estava copiada e pronta...

As amabilidades do ajudante, afinal o meu patrício Sousa Nazare, um dos cadetes do Sidonio Pais, representaria qual quer informação lá de dentro?

Mas no outro dia fui mostra-la ao general Canto que me recebeu alegremente e me confessou, sem cerimónia, nunca calcular que eu chegasse aonde cheguei e conseguisse a informação que obtive em Coxias.

— Você, concluiu, andava sempre entregue a literaticeo...

Esta frase do general é mais outra condenação que sempre me tem perseguido.

Mas vista a prova, com atenção, o Cautó disse - me em resumo: quanto á primeira decisão, estava bem - mas não era o que eles queriam. O problema, está na, aliás, real posto; o Pereira dos Santos continuava a querer, apenas, confundir os candidatos; a solução, até, não se poderia fazer como eles queriam, etc. A minha interpretação não seria a melhor, mas representava um critério e dentro dele a solução dada era corrente. Quanto á 2ª parte, dada a m.ª solução como boa, a decisão não tinha erros; mas eu caí em um dos alçapões armados pelo Carlos Maria (como o Cautó chama ao Pereira dos Santos) e fiz uma decisão com borturta, isto é, fiz a decisão contrária, em parte, ás ordens do escalão superior. Etc.

Realmente, só então é que dei pelo alçapão armado pelo "Carlos Maria." tive a impressão rápida do descalabro...

— Então, sr. general, o melhor é desistir e não pensar mais no assunto.

— Não senhor! Entendo que o Pimenta deve ir e que eles tem obrigação de o aprovar. A sua informação coloca-o a co-

certo de qualquer desastre e eles têm, obrigação de considerar qualquer outra solução que não seja a deles ... etc. etc.

Cautido, pai de casa do general por sinal que na altura de chuva dituviana, com o propósito de desistência

Parece que a Natureza se revoltava com o meu propósito de continuar na ascensão. Trovoada, chuva torrencial, calor sufocante.

A' noite, procurei encontrar com o coronel Joaquim dos Santos Carneira que em Caxias mostrou sempre certa predileção por mim. Abancámos num café e conversámos largamente acerca da prova; senti mais em meus a mesma coisa q. sentira ao Cauto: realmente, a m.ª solução não seria a deles, mas disse que eu devia ir, que a informação era excelente e as decisões feitas em momentos de aperto como aqueles nada dependiam contra ou a favor de qualquer. E o Santos Carneira acrescentou ainda que o meu nome era suficiente para manter em respeito o juri.

E' claro que me não deixei ir abaixo com isto que poderia ser lisonja ou pelo menos amabilidade, tanto mais que, contra o habitual, pareceu-me ser ~~...~~

na expressão do Saulos Correia vago sorriso de melancolia. Veria ele já, com a sua exclusão, mais uma vaga?

Eu sei lá!

No outro dia, no Rossio, encontrei o superh.º António Birne, meu contemporâneo na Escola do Exército. Logo que me viu veio para mim de braços abertos:

— Anda cá, rapaz! Dá cá um abraço!

Já sei que fizeste uma prova de arromba!

Perante as m.ªs dúvidas, ele elucidou-me que soubera a boa prova por pessoa lá de dentro que o informára confidencialmente; era uma prova cheia, co'os diabos! E o Birne, alegremente, deu-me novo e apertado abraço.

Depois foi o capitão do Est.º Maior António Henriques da Silva: com a sua voz mansa, cheia de delicadezas, contou-me que as inconfidências havidas lá pelo camarão do Estado-maior diziam que eu estava num dilema: se o júri considerava a minha solução como corrente e, neste caso, a prova era m.ª correcta, coerente, bem deduzida e bem escrita, sem erros e sem emendas e tudo iria bem; se, não podendo o júri vencer as suas catúrrices e espírito dogmático e heremético e teimando na solução própria, então a m.ª prova era má e

a sua defesa já seria complicada. Qual seria a atitude adoptada pelo júri e' que ele não sabia — mas o dilema era este.

E no proprio dia, antes de entrar para a prova oral, o Ernesto Machado, veio dizer-me amigavelmente que fosse, que não desistisse, que deveria ir até ao fim e que estava convencido de que, embora a sua solução não fosse a deles, deveriam concordar em que as soluções são muitas e que a sua intervenção, o meu passado e o meu nome me dariam a coberto dum desastre.

E, como já tinha resolvido, fui. O júri e' que tomaria a responsabilidade do encerramento da minha carreira... tão brilhante...

Encontrei na sala debaixo da impressão do desastre. Via-se isso na cara dos generais e até da assistência.

Devido a um termeto que tomara estava com peremido que, em casos idênticos, nunca sentira.

O Tasso de Miranda Cabral abriu a luta e logo de entrada, pelos gestos e pela fisionomia, vi que o ataque ia ser rude e que o ia fazer com proposito e satisfação. Com firme o jurista pelo Henrique da Silva, o Tasso virou para mim a fria ponta do dilema; dei respostas em tom de concen-



e mantive um nível pacato á discussões. Mas ia recendo que me defendia mal - sei pelo menos com pouca energia.

O Tasso, cruelmente, ia desfiando o rosário; mas me dava o tratamento de excelência devido ao meu posto, mas simplesmente o de senhoraria; tratou-me claramente, com desprezo.

Eu, ás vezes, quiz fudir para campo onde teria superioridade, mas ele calava-se, olhava para mim com olhos muito abertos e mudava logo de assunto. Essei uma vez em que lhe falei no método cartésio p.<sup>o</sup> justificar a difficuldade de nas 2 horas dadas se resolver o problema e em outra vez em que quiz entrar com o factor temperamento na resolução dos temas, e em outras mais de q. me não lembro, pareceu-me que ele teria receio de se meter em cavalarias altas.

Calculei logo o resultado e, com a mesma perennidade do começo, bebendo uns goles de agua p.<sup>o</sup> combater a secura da boca, deixei passar o tempo. Eles teriam de tomar a responsabilidade...

Veiu depois o Lobato Guerra, delicado mas pouco; expressei a decisão eucares da no ponto de vista deles, sem dar auxílio a qualquer outra hipótese; com o meu

ar serêno e delicado foi tambem sereno, só mostrando o meu e não fazendo ligeira referencia ao que poderia estar bem. A certa altura, com sorriso, o Moraes Fariante, presidente, disse - Me ao ouvido qualquer coisa, como de quem acesse a mão a não insistir mais por não valer a pena... E na verdade não valia.

Terminou a argumentação e passei ao ultimo, ao Cauceiro de Albuquerque.

A argumentação deste que versou sobre a viagem de generais no alto-Alentejo, deixou-me admirado porque sempre esperei ser bem tratado por ele. Começou por não achar bem o traçado da linha principal de resistencias do Exército defensor e perguntou-me se eu concordava com ele; como dissesse que não, perguntou-me porque não acesse a mão eu o comandante do Exército "a levar mais para a frente a linha? Francam.<sup>te</sup> fiquei-me a olhar para ele e lá respondi com razões de modicidade, delicadezas, etc. Já não dizer a verdade — pois a verd.<sup>de</sup> foi que a linha principal de resistencias foi traçada em Castelo-de-Vide de acordo com o Alvaro Faria Passos e o Vasco de Carvalho que não

---

" Era o Abilio V. de Passos e Sousa.

opuseram, depois de discutido o assunto, qualquer argumentação contrária.

Instituiu, a seguir, em certos pontos que foram feitos em conversa com o Visconde de Carv., em Cast.º de Vide e até, no caso da colocação dos Postos de Comando das Divisões, á pressa, e no final, que ele proprio escolheu. Sua estranha coincidência esta!

Queria apenas maneira amavel do Comandante me tratar, aferrando apenas assuntos sem importancia — tanto mais que, segundo me disseram, a decisão de se terra de Cast.º de Vide estava boa?

Ele queria afirmar que o Comandante de Alentejo é um francês. Não sei. A verdade é que sempre se mostrou comigo amavel e me recebeu de atencões. Não sei pois explicar esta attitude.

Enfim! depois de 2 h. e 35 m. a prova terminou. Os assistentes desapareceram... Quando, depois de arrumar os papeis na pasta, me voltei, dei apenas com o Paulo da Silva Tavares, fiel amigo, com cara triste, afrevesiva. Perguntei-lhe:

— Isto é um chumbo, não é verd.?

Ele fez a resposta, mas disse-me que os homens só procuráram mostrar o que havia de contrario á solução - padrão

e quizeram deixar no publico a impressão de que nada se aproveitava na meu trabalho.

No corredor surgiu o Gastão de Silva Teixeira com ar compungido; e só se aproximáram de mim e se conversaram até final, o José Tristão de Bettecourt e o Alfredo Tenesto da Cunha.

Flora lhes seja dada.

Esperei cerca de 45 minutos; a demora indicava que haveria discussões porp. em regra o resultado viria em 10 minutos ou quarto de hora. O que se discutiria entre eles? Por fim, chegou um tenente do Secretariado M.<sup>o</sup> com a guia de marcha para me apresentar no Ministerio de Guerra. Ficára considerado capto para o posto de general.

É coisa curiosa: quando ha aprovações fica tudo á espera; até os velhos contínuos, juncas reformadas, exultam!

Naquela altura, parem, nem os reformados vi: tudo se sumiu...

Despedi-me do Bettecourt e do Tenesto da Cunha e agradei-lhes; e como eu deixei, as portas, virose o porteiro a cumprimentar-me suavemente, o unico que não fugiu, dei-lhe fraternalmente cinco escudos...

Justa recompensa para a corajosa  
do velhote.

Desci a ladeira acompanhado do Raul  
Tavares que foi comigo até ao Ministério  
da Guerra. Ao fundo, o Severino de Mo-  
rais, de Eupenharis, que esperava elec-  
trico, ao avistar-me, escondeu-se.

Parece que ia esfestado. Fazia-se o  
vacuo á minha volta.

Sic transit gloria.

### Leiria

Junho: 18.

E agora, já que ontem desalefei, va-  
mos ás cartas.

Hoje não umas poucas.

A prim.<sup>a</sup> foi para o Alfredo Ernesto  
da Cunha, a agradecer-lhe o ter-me espe-  
rado no final do exame e acompanha-  
do até á m.<sup>a</sup> saída e aproveitava a oca-  
sião para dar uma piada ao cunhado  
Tasso Galeral ~~na~~ pela maneira como me  
tratou. Enfim, uma no cravo outra na  
ferradura.

A segun.<sup>a</sup> foi para o Bivar Salgado  
que foi incansavel em atenções e interes-  
se pela m.<sup>a</sup> situação. A mesm. da carta di-  
zia-lhe: «Aqui estão em Leiria filoso-  
fando acerca das inconstancias do mun-

"do, tema que, como sabes, se presta a di-  
 "versas variações e curiosas. Mas meu  
 "preto de dipo, meu caro Salgado, que, se me  
 "incorodou, no dia proprio, a solução da  
 "m<sup>a</sup> aventura, o certo é que, no immediato,  
 "ao acordar, tive a sensação do alivio e da  
 "inesperada tranquillidade... »

Este Salgado é um sincero e bom ami-  
 go que sentiu o desastre como se fosse de  
 a vítima. É um bom espirito, com certos  
 preconceitos mas cheio de nobreza.

A terceira carta foi para o dr. Alber-  
 to de Oliveira. Aqui fica:

«... Como V... se tem interessado pela  
 m<sup>a</sup> situação militar actual, vou infor-  
 ma-lo de que me reprovaram, na últi-  
 ma prova de aptidão, em 13 deste mês. O  
 taumaturgo de Lisboa não quiz nada co-  
 miigo e os generais tambem não... Foi  
 desastre em cheio e vexame completo.  
 Tenho a certeza de que os não merecia. Pa-  
 ciencia.

« Espero aqui a passagem á reserva  
 e voltarei para a m<sup>a</sup> casa em Coimbra  
 onde não farei pombo a ninguém e en-  
 de espero continuar a receber as noticias  
 de V... e as indicações q. entender. Duran-  
 te a m<sup>a</sup> estada em Lx.<sup>a</sup> ajudava V... pelo

estranheiro, razão porque não tive o prazer de o ver e o cavião de lhe exprôr, com uapar e bom humor, os peripos a que me arriscava em tal viagem maravilhosa...

« Com m.<sup>to</sup> agradecim.<sup>to</sup> por tudo, peço que creia, etc. »

A quarta carta foi p.<sup>a</sup> o Arnibal Passos e Sousa. Era devida. Redigi a epistola de modo solvio:

« ... — Qualquer q. fosse o resultado final das m.<sup>as</sup> pretensões ao posto immediato, tencionava escrever a V... para lhe agradecer todas as atenções que teve para comigo em Caxias e todo o seu cuidado e interesse pelo exito do meu curso.

« Cumpro, agora, essa minha tencion e embora não correspondesse, na ultima prova, á confiança que V... em mim depositou.

« Se V... descobrir algum prestimo neste meu cam.<sup>to</sup>, etc. »

E por hoje, em epistolas, ponto final. Ainda ha mais p.<sup>a</sup> mandar, mas ficarão para outro dia.

Quero, parem, deixar aqui explicado uma duvida com que fiquei quando, em

14 de Maio passado, auctai o discurso do Saulo Costa ao agradecer os cumprimentos espontâneos da guarnição de Lisboa. <sup>(1)</sup>

Já me deram a explicação: a cartapuzca era para o júri de exames para o generalato e a propósito do caso de Abílio Passos e Sousa. E quem me explicou a alusão está no caso de a saber explicar.

O que se vê, parece, é que o júri fez-se desentendido... E continuou.

Leiria:

Junho: 21.

Leí mais outra carta... Floje é para o Pires Monteiro. E como talvez mereça com serua-la, cá fica no vol.º respectivo, com o n.º 145 a pag. 214.

Leiria.

Junho: 22

Mais outra... E desta vez para o Mario Cardoso, de Guimarães, ao qual devia agradecimentos pela oferta de uns trabalhos seus.

Fica no respectivo vol.º a pag. 215, com o n.º 146.

<sup>(1)</sup> Ver atrás, pag. 196-199.



Leiria.

Juho: 25.

A Revista Militar quer colaborar nos festejos centenários próximos. E pensa contribuir com um n.º unico que conterá colaboração adequada.

ORA entre os colaboradores, a direcção não me esqueceu e incluiu no programa o meu nome presticioso; e assim me dirigiu uma circular com o convite e o plano de trabalhos. — no qual plano se solicita da mi.ª pessoa o estudo de A formação do Exército Português nos seculos XII e XVII.

O plano, nahe a verd.ª, não está real organizado. Deve ser obra do general José Justino Teix.ª Botelho. Deixau-me, parece, certa duvida o enunciado da mi.ª parte e por isso escrevi ao general, em forma de officio, uma carta na qual, de mistura com as frases corteses e agradecidas que são habituais fizis a seguinte pergunta:

«...A designação do assunto que me é destinado inclui simplesmente a formação organica do exercito ou estende-se, como eu imagino e me parece melhor, ao seu valor moral do conjunto e á formação moral e intelectual dos seus

chefes? Tem todos os títulos do plano que  
 xo á carta de V... não vejo nada que abra  
 já esse aspecto; será essa a intenção de  
 V. Ex. ? — . . . . .

. . . . . Recebido o esclarecimento que  
 solicitei, dei de mais o meu plano, etc.»

Leiria:

Junho: 30.

Fui convidado pelo Ferreira Lima pa-  
 ra escrever na Revue Internationale d'  
Histoire Comparée, saída do Comité In-  
ternational des sciences historiques. E ao  
 mesmo tempo mandou-me uma cir-  
 cular curiosa que escrevo.

Tem carta que lhe escrevi hoje, dizia,  
 entre outras coisas:

«Muito obrigado, também, pela cir-  
 cular com que me honrou. Aceite e  
 com m.<sup>to</sup> prazer, se bem que não sei re-  
 cheparei á craseira exigida. O pior é que  
 os dias têm 24 horas... e as encomen-  
 das que tenho, já há algum tempo, têm  
 não parte pesada na distribuição do tra-  
 balho. Quero ver, porém, se arranjo  
horario conveniente, logo que me encon-  
 tre em m.<sup>a</sup> casa de Coimbra — e meterei  
 então no quadro de trabalho, o projecto pa-

na a Revue Internationale de Hist.<sup>e</sup> compa-  
parée. Sapaamente pensei em varios as-  
suntos, um dos quaes de coturno elevado:  
o estudo militar de D. Francisco Manuel  
de Melo que abraçaria uma quadra de im-  
portante actividade e na qual ele teve nota  
vel influencia.

« Vereunos. Nada de pontos! Este Dom  
Francisco Manuel é, desde os meus tempos  
de rapaz, um dos meus favoritos e desa-  
fia-me, m.<sup>tas</sup> rêsas, a grandes liberdades  
de imaginação.

« Em Caldelas (onde conto ir) au-  
tente de sossego, contemplativo, pensarei  
deuapar e pedirei conselho á doce paisa  
gem do vale do Ilheneu.

« E creio-me, etc. »

Leiria.

Julho: 3

O Alberto de Oliveira escreveu-me da  
Corinthia, na volta de qualqueur missões diplo-  
maticas do estrangeiro. Ficou quasi aflito com  
o resultado da m.<sup>a</sup> aventura do generala-  
to, que sahia porreosores e pede noticias.

Escrevi-lhe hoje, carta breue, prome-  
tendo explicação mais extensa. A credito  
que ele ficasse abarrecido.

Leiria

Julho: 4.

Em resposta á mi. carta de 25 de julho ultimo, o general Teixeira Botelho sugeria um entendimento directo com o general Ferreira Martins a quem foi attribuido, na comemoração, o capitulo dos chefes militares na fundação e na restauração de Portugal pois o autor poderia tratar do valor moral e intellectual dos mesmos, e encontrar-se assim com o meu plano.

Não concordei muito com a suggestão mas lá escrevi hoje ao Ferreira Martins perguntando se era sua intenção encerrar os chefes pelo aspecto simplesmente biographico ou deixar do outro mais interessante do valor moral e intellectual que os esquadras melhor no ambiente proprio.

Este Ferreira Martins é um pouco patético. Escreve muita coisa mas sem grande base e com poucas gramaticas. É por isso considerado um dos nossos « mais brilhantes escritores militares » com a vantagem que nem todos tem de ganhar bem bom dinheiro com artigos p.º jamais ricos que lhe pagam mais que generosamente.

Vamos a ver o que o homem responde p.º se poder tratar do meu caso.

Leiria

Julho: 10

Em 6 deste mês recebi do general Fei  
xeira Botelho uma carta m.<sup>to</sup> atenciosa re-  
lativa ao meu exame, isto é, lastimando  
o acontecido e afirmando a sua conside-  
ração e amizade.

Dos raros que se lembraram de mim;  
deixei os três, apenas. O resto parece que  
se reposição eu, pelo menos, achou o ca-  
so natural.

Como a carta me cheia de termos  
honoríficos, respondi hoje com outra, não  
só com os agradecimentos devidos como  
com afirmações de trabalho e de colabo-  
ração na Revista.

O hotel ainda é dos bons e dos di-  
gnos de estima.

Leiria

Julho: 13.

Faz hoje um mês que tropecei nos  
generais do júri de exames e que, muito  
naturalmente, trambullei.

Como é costume piedoso celebrar-se  
o tripessimo dia, vamos lá lembrar li-  
geiramente o caso e contar uma ou ou-  
tra coisa que, com o correr dos trinta dias,  
me vieram aos ouvidos.

O Luis José da Mota teve conhecimento, por meio de varias insconfidencias que sempre surpeem, que, afinal, eu cheguei a estar aprovado... Dois generais estavam a meu favor, dois contra e o Moraes Sarmiento, presidente, tendia para o nim, mas depois caiu para o outro lado, isto é, para o nao.

E' claro que os dois favoraveis deveriam ser o Pereira dos Santos e o Couceiro de Albuquerque. Não posso admitir outra hipotese.

Ora nesta oscitação do Moraes Sarmiento ha duas explicações viudas lá de dentro ou seja dos segredos do Estado-Maior:

A primeira diz que a mudança de voto se deu a seguir a uma chamada telefonica. Quem peris que chamou? Quem teris autoridade para interromper um ju-ri de exames no momento da decisáo? Pessoa de inferior categoria não era e, segundo oprimião corrente, só da Repartição do Gabinete do ministério da Guerra haveria autoridade para tanto.

A outra explicação diz que o Moraes Sarmiento, a certa altura, teve duvidas e perante essas duvidas resolveu consultar o sub-secretario Santos Costa pelo telefone; da conversa nada consta mas foi

A rectificação no dia 29 de Junho de 1953.

depois da conversa que se deu a reinvólta na opinião.

Que verdade ou que mysterios haverá em tudo isto?

Depois...

É bom tambem recordar, já que estamos nas comemorações do trípessimo dia, que ~~em~~ nas rodas reacionarias de Coimbra e Leiria se dizia já que eu não conseguiria passar.

Em Coimbra, minha Tia Virpinia Martiães da Silva disse-me ha pouco:

— Eu não quiz dar o aviso, porque, quem sabe! poderia ser falso; mas a mesma pessoa que me disse que o Gaudencio Triunf. passaria no exame apesar de tudo, me informou de que o Belisario difficilmente ficaria aprovado. Eu, com franqueza, não acreditei; mas afinal saiu tudo certo.

Em Leiria foi a D. Anuncia Larcher de Sousa que mais se meos disse a respeito da coisa: a m.<sup>a</sup> aprovação era hypothese muito afastada na sociedade que elle frequenta. É preciso considerar que esta senhora, embora filha do velho Tito Benvenuto de Sousa Larcher, pertence a' sociedade que se reúne duas vezes por semana em casa do Bispo; é directora da cate-

quese; preside a varias instituições católicas e... enfim, faz o possível para esquecer que é filha de tal pai. E está no seu pleno direito.

Ora estas afirmações não são de acaso; estas duas senhoras não inventavam o que disseram. Evidentemente que alguma coisa haveria.

Do mesmo tempo, de Lisboa, quer por cartas quer por noticias trazidas por officiaes que lá ttem ido, sabe-se que o meu caso foi muito discutido e, depois do do Passos e Sousa, causou sensação.

Não sabia que o meu nome era tão conhecido e que á minha roda havia espezinhada tão benévola. Valha-nos isso.

Uma das noticias foi a proposito do exame do Ferreira Chaves.

Nos locais de reuniões de militares se tem-se que o ponto que the saiu foi facilissimo e dizia-se até que se the saisse o meu ou o do Passos e Sousa o caso era sério para o mestre de Tactica. E mesmo assim com ponto facil, dizia-se que a prova fôra má o que, até certo ponto se explica pela classificação final que foi de 15,2. Isto é, para ficar muito apto os honreiros tiveram que the dar duas decimas acima dos quinze valores.



Do Ernesto Machado, ponto facil; ao Alfredo Ernesto da Cunha, cunhado do Vasco Caleral, ponto facilissimo... Ao Luis Sampaio, ponto facil tambem. E estes dois ultimos eram dos mais fracos, reconhecidos por nós todos e pela propria infernação final. Mas, enfim: são haueus adaptaveis e adaptados e merecem a devida confiança.

Eté. eté.

Talvez não valha a pena insistir no caso. Para comemoração joco-funelre basta o que aí fica. Resta-me a consolação de saber que em Lisboa, nos centros de canagreira e má-lingua se diz:

— Passou o Vitor Franco e o Ernesto Cunha e ficou reprovado o Belisario...

et vox populi sempre venis rez pro contra faz justiça.

### Leiria

Julho: 14.

A França celebra hoje o 150.º anniversario da tomada da Bastilha.

Seculo e meio depois da Revolução. Deste seculo e meio vivi eu sessenta annos. E a que tenho eu assistido durante todo esse tempo? Parece que ainda está tudo na mesma.

Tentativas, apenas... É o que tem  
havido. Quando reparas os princípios?

Leiria.

Julho: 15

Hoje, nos jornaes, vem a noticia que  
agui fica estada:

Pelo que se  
vê, somos irma-  
nados na mesma  
ordem do exercito. Ainda tem.

**QUADRO DE RESERVA**

Vão ser publicadas portarias colocan-  
do no quadro da reserva o general sr.  
Lobato Guerra, antigo Chefe do Esta-  
do Maior do Exercito e o coronel de  
infanteria sr. Belsario Pimenta.

Leiria.

Julho: 17.

Hoje, estava meo real disposto e es-  
crevi ao Bivar Salgado uma carta alegre.  
É um bom amigo e quem estas coisas  
agradam sempre.

Fica a pag. 216, e com o n.º 147.

Leiria

Julho: 20.

28  
 Bem, decididamente, o vicio da epistó-  
lografia. Antem foi p.º o Bivar Salgado a  
facecia sobre Sr. Antonio das Chapas; hoje  
é para o Tomás da Fausseca que vai outra  
carta de caçoada. Ao meos não dirão os  
amigos que enristeci com o tranbulhão  
no Estado-Maior.

A carta fica no lugar proprio, a pag.<sup>a</sup> 218, com o n.<sup>o</sup> 148.

E hoje tambem escrevi para a Revista Militar informando de que o titulo definitivo do meu artigo para a comemoracão centenaria é As hostes afeurinas e os exercitos da Restauracão.

O titulo dá certa libert.<sup>e</sup> para o tratamento do assunto.

### Coimbra.

Julho: 29.

Regresssei hoje a Coimbra definitivamente. Depois de tantas Franças e Andalças, voltei ao ponto de partida.

Lastimo, apenas, o tempo perdido e consumido, nas esperanças, como Jacó, de um dia apenas.

Assim se passaram 962 dias, desde 9 de Dezembro de 1936. E neste numero estão compreendidos os 578 passados em Leiria ou seja 19 meses de 30 dias ou ainda 60% da totalidade do tempo.

O outro tempo foi levado em Coimbra onde, ainda assim, passei (vá lá!...) 186 dias ou seja 6 meses. E o resto por varias partes, das quais Gaxias occupa o primeiro lugar com 112 dias e o periodo de estãgios com 44 dias.

E já para, para mais repar de in-  
formação: como comandante de região<sup>6</sup>  
passaram - se 618 dias ou sejam 20 meses  
e meio; como chefe do Distrito 344 dias  
ou 11 meses e meio — tudo conta redon-  
da já não entrar com fracções.

Resumo:

Em Leiria	578	60%
" Coimbra	186	19,3%
" Caxias	112	11,6%
" varias terras	<u>86</u>	<u>9,1%</u>
Total	962	100

E pronto: acabou-se. Não se fala  
mais nisso.

### Coimbra.

Agosto: 1.

O semanario de Leiria Portugal, or-  
gão, segundo se diz, dos germanofilos, foi  
o unico periodico que se lembrou de falar  
na m.<sup>a</sup> saída daquela terra. E infelizmen-  
te, a noticia é cheia de amabilidades. Fica  
guardada para memoria.<sup>(1)</sup>

Ara hoje fiz a minha apresentação  
no Quartel-general de Coimbra. Foi recebi-  
do excelentemente — não sei se como  
premio de consolação se por ironia.

<sup>(1)</sup> No final do vol.<sup>o</sup> a pag. 418.

É na 1.ª Repartição abraçei o velho e bom amigo Antonio Pedro, Tenente do quadro auxiliar que não resistiu a contar-me o seguinte e curioso episodio:

Quando no d.º Quartel-gem.º se soube da minha chumbadela, aconteceu que entrou na repartição certo official graduado da guarnição (cujo nome occultar); falou-se do caso e o Tenente mostrou a sua admiração pelo resultado. O outro respondeu secam.º e com ar misterioso:

— Não tem de que se admirar... Tem já patria ha muito que ele estava doente...

— Doente?... Mas eu soufre o julguei com saude!

Aqui, como se vê, a doença é tomada em sentido figurado.

Eu calculo que o official graduado seja o Gaudencio Trindade; e o Tenente Pedro, a seguir á referencia, acrescentou em voz baixa:

— Oh meu Coronel! Elles é que mandam! elles é que mandam!...

Coimbra

Agosto: 5.

Hoje, o jornalista coimbricense O despertar, querendo ser amavel para comigo deu a noticia que aqui junto:

Tão  
 amáveis ou  
 tão burros  
 que fazem  
 destas. O que

**Brigadeiro Belisario Pimenta**  
 Encontra-se de novo entre nós,  
 o nosso querido patricio e amigo  
 sr. brigadeiro Belisario Pimenta.  
 Cumprimentamo-lo.

dirão por aí as más línguas e os comen-  
 tários dos amigos íntimos?

Coimbra

Agosto: 22

Carta declamatoria ao Pires Monteiro.  
 Estava hoje de maré e larguei as azas da  
 boa disposição — que é coisa rara.

Lá foi, pois p.<sup>o</sup> o correio e cá fica a co-  
 pia p.<sup>o</sup> meu causôlo, a pag. 221 do livro res-  
 pectivo, com o n.<sup>o</sup> 149.

Coimbra

Agosto: 26.

Promeiti, em Baxias, ao Maria Carde-  
 ro, de Guimarães, um artigo para o nu-  
 mero comemorativo que a Revista da So-  
 cied.<sup>a</sup> Martins Barreto quer publicar pe-  
 los centenários.

Mas... se tem o prometido melhor fel-  
 xei. Os trabalhos do exame, a mudança  
 para aqui e mil outras coisas, têm-me  
 obrigado a adiamento da tarefa.

O assunto que escolhi deriva deus do  
currículos inéditos dos mss. da Biblioteca  
da Universidade: referentes aos cuidados da  
guerra da Restauração e isto obriga a con-  
sultar na Torre do Tombo onde irai em  
Setembro.

Escrevi, pois, ao Mario Cardoso expli-  
cando a demora e prevenido - o contra a  
me: possível desistência. E dizia - lhe en-  
tre outras coisas: « Já vê que a camisa  
"em que me vesti deve ter mais que as on-  
"ze varas do acêto popular.»

E eu, ás vezes, sou facil em prometer  
sem calcular as possibilidades da execu-  
ção da promessa.

Paz, Mafra.

Setembro: 18.

Le foi carta para o Alberto de Oliveira  
ainda preoccupado com o meu maldito  
exame p.<sup>o</sup> o generalato. Tive de lhe dar ex-  
plicações mais completas e deixar - lhe  
ver a má vontade contra mim. Fica com  
o n.<sup>o</sup> 50, a pag. 224.

Não sei o que ele pensará acerca do  
que lhe expuz. Agarrado á situação poli-  
tica actual, como está, é capaz de não gos-  
tar e de me julgar parcial!

Mas não importa.

Chaves.

Outubro: 12.

Estou aqui, nos altos de Traz-os-Montes, sem contar.

Tive sempre o desejo de visitar esta região; mas estava a ver que nunca o realizaria. Chepei, agora, o pretexto sem querer e aqui estou por dias apenas.

Da Régua para cima desconhecia tudo. E no conjunto isto é soberbo. Vila-Real deu-me impressão estranha; e o cenário do Marão, dominador, fez-me evocar romances de Camilo.

É pelo caminho fára a sombra do romancista injôr-se-me. A Samedã, tão encastada em verdura, de encontro aos montes asperos, fez-me pensar na sua mocidade solta, por aquelas agrestes, quasi sem lei nem ordem.

Sua influencia teria exercido no cérebro inquieto do moço Camilo a dureza da região, misturada com recantos pitorescos, cobertos de ramos de castanheiros frondosos? A imaginação ardente do rapaz teria mais prazer em se espreguiçar pelas serranias pedregosas, correr á solta pelos rãos de portela e portela, de alcaudis em alcaudis ou em se refugiar no recesso das verduras, acotado em alfombras onde cautasse a água



com meandros, por sobre as pedras cobertas de musgo?

Não sei se da legião de biógrafos do romancista alguém atacou, a valer, este ponto tão essencial para a sua formação psíquica. O que sei é que me ficaram os olhos naquela povoação de Samardã; e enquanto o comboio andou á vista do povoado, a sombra do báculo não me largava. E ainda me subia para Vila Pouca, de quando em quando, avistavam-se as fraldas sobranceiras ao Lyarêjo — onde talvez o rapazêlho se alcaudarasse muita vez para olhar o cenário circundante e começasse a compreender que o mundo, entre aquelas serranias, era coisa exigua.

Depois, dos altos de Vila-Pouca para cá, a terra é outra: entra-se na zona fértil das águas térmicas, acode-nos a ideia do turismo, com todo o cosmopolitismo que verdadeiramente não assenta muito bem em tais agúerras; e só ao encontrar o Barroca é que voltam as evocações: a marcha impiedosa de Sault, as guerrilhas do Silveira, os Amaranthos fantásmas das reacções absolutistas, os Pizarros de Bróbeda, quer o poeta do Romancista quer o inquieto adversário de D. Pedro IV — e tantas outras que me suspiraram ao saber do

rodar do castelinho Barulheito e tra-  
gathadaucas.

E aqui cheguei, por tarde muito pas-  
sa, e ~~estive~~ entrei em Chaves por  
uma averrida aliudada, a querer ser al-  
guem, e á qual não faltá o classico me-  
numento aos mortos no ultima Grande  
Guerra.

... Deude colocarão o futuro memo-  
numento á memoria dos que não - de morrer  
nesta que agora começa?

### Chaves.

Outubro: 13.

A cidadezinha, com fóros elevados  
desde que o Barmona e a sua madama  
ocupam os palacios reais, é povoado ale-  
gre, a meio da veiga fértil do Tâmega, as-  
senté em calcios arredondado e baixo que  
domina os arredores.

Duem e outro lado cordas de muros,  
de morte para pul, tornam impoente o  
largo vale por onde o rio arrasta vagaro-  
so as aguas antes de se meter pelos desfil-  
deiros, reais abaixo.

A terra está em transformação segun-  
do parece: o velho burgo, á volta do castelo,  
conjunto de ruas estreitas, ainda resiste  
ao progresso; para a periferia, parem, co-

meça a modernização com casas e ar-  
rueamentos e, em breve, segundo se di-  
zer, a velha ponte romana passará a ser  
curiosidade quando se construir, com ci-  
mento armado e mais a jurete, a passa-  
gem da nova estrada.

Curiosa, todavia, principalmente no  
tipo da habitação que resiste até em prédios  
relativamente modernos. Breve por ainda a  
irradiação do velho Porto que já me pareceu  
ver na passagem por Vila Real e aqui é  
bastante acentuada.

O progresso, enfim, vai deitando abai-  
xo o que é tradicional; ao lado de prédios  
característicos, de varandas salientes no ul-  
timo andar, já se vêem casas modernas, de  
estilo caixote, por sinal que nem graça. E o  
interessante é que, nesta substituição, tem  
tanta responsabilidade a febre de melhoramen-  
tos materiais do Estado-novo que assim, in-  
coerentemente, com a sua política acentua-  
damente tradicionalista, vai apagando o  
que é tradicional.

O friar, parece, da terra é que está, de  
ver, no fim do mundo. Ao pensar nas co-  
munições com o sul é que se vê que  
laço se está dos centros. E quando vier  
o frio... o mundo inquieto que fervilha  
lá das laço, deve aparecer a quem aqui

aude desterrado ou aborrecido, como o  
melhor dos paraísos.....

Coimbra.

Outubro: 21.

O Paulo Proença, a para melhor se  
jeanir bom, convidou-me para eu colabo-  
rar no Guia de Portugal cujo 3º volume  
foi encaregado, não sei como! de fazer.

Respondi-lhe com a carta que deixei  
guardada a pag. 228, com o nº 153. E espe-  
ro, com interesse, a resposta.

Coimbra

Outubro: 30.

Inaugurou-se, hoje, á tarde, o que  
no monumento ao António Nobre no Pene-  
do da Saudade por esforços insistentes do  
dr. Alberto de Oliveira.

O que para aí se disse nos jornais a res-  
peito do monumento e do Poeta! Decidida-  
mente, os nossos jornalistas são uma ré-  
gua de cavalgadas.

E valha a verdade, os discursos e jae-  
rias que se recitaram no acto solene, fo-  
ram um acervo de tarachas que o Nobre,  
coitado! teve de ouvir, no alto da columna  
de pedra... Felizmente, o busto tem seu  
ar desdenhoso que convinha ao caso.

O dr. Fernando Pimentel de Almeida que actualmente é presidente da Câmara, no seu discurso, chegou a misturar o Poeta do Só com o Salazar! Foi, com efeito, arrojada concepção!...

O António Correia de Oliveira mandou lóas, verdadeiras lóas. O Julio Dantas escreve um prosa amena e bem académica.

Eté. etc. Beijam-se os jornais do dia.

Pobre António Nobre! Salva-se a dedicada amizade do Alberto de Oliveira que alguns explicam por vaidade e interesse de auto-reclame, e salva-se o gosto que me parece excelente. <sup>(1)</sup>

Mas...

Quando ao dr. Alberto de Oliv. com quem, no sábado, 28, conversei largamente na Torre de Antó, deixei-me parvo e desanimado.

A razão da conversa surgiu, e' claro, a guerra. Falou-se vagamente do conflito e eu verifiquei, com magna, que o escritor tão elegante e descomprometido das Palavras Leucas é verdadeiramente germanófilo e nada simpático com a França. Na exposição curiosa que fez sobre as origens das desinteligências entre nações, pro-

<sup>(1)</sup> Quando o conheci, no fim do vol.º, pag. 419.

curou com cuidado e finura desculpar e explicar a atitude de Hitler; foi quasi de feitura das ambições teutônicas e lançou sobre a Polónia, de mistura com lamentações românticas, largas culpas no cartário.

Acerca da Lyplátava e da França, deixou, com inteligência, vislumbrar autricções ocultas, faltas de sinceridade nos agraços de Princípios. Etê. etê.

Vim para casa amachucado e custou-me a adormecer.

### Coimbra.

Novembro: 6

Escrevi ao Mario Cardoso, de Guimarães, desculpaudo-me. Foi-me impossível fazer o artigo prometido para o numero unico da Revista de Guimarães. Parece-me apenas uma desculpa, mas é uma verdade. Não o conseguí fazer apesar das boas intenções com que escrevi, em fins de Agosto, ao Cardoso. Ninguém acreditará, mas eu não sei como estas coisas me acontecerem. Será já a velhice?...

### Coimbra:

Novembro: 14

Recebi resposta do Paulo Branco — e eu é preocupação antecipada ou é a ver-

dadeira impressão, pareceu-me que, infelizmente, aquele cérebro ainda não está a funcionar normalmente.

É muito para lastimar.

Respondi aceitando o convite para colaborar no Guia. Fica a resposta copiada no vol.<sup>o</sup> respectivo, a pag. 230, e o n.<sup>o</sup> 152.

Coimbra.

Novembro: 20.

O Viterino Nemesio lá foi nomeado professor da Faculd.<sup>e</sup> de Letras de Lisboa. Não sei se ele entraria com a espinha direita e pela porta principal. Há certo tempo para cá ando a desconfiar dele.

Mas, ná lá! Como os meus juízos podem não ser certos, escrevi-lhe uma carta solene e protocolar de parabéns.

Carta que pôde dar p.<sup>o</sup> as duas hipóteses...

Coimbra.

Novembro: 24

Escrevi hoje uma pequena carta ao Gastão de Melo de Matos a respeito dum documento encontrado num dos mss. da Biblioteca da Universidade que talvez lhe interesse. Fica arquivada, por curiosid.<sup>e</sup>, com o n.<sup>o</sup> 153, a pag. 231 do vol.<sup>o</sup> respectivo.

Coimbra

Dezembro: 23.

Depois de varias voltas causadas pe-  
la morte de m.<sup>a</sup> cunhada Cleonise, cá  
estou de novo abraucado á m<sup>ã</sup>sa de traba-  
lho, bastante amachucado e aborrecido.

A vida complica-se-me cada vez  
mais — e com frequencia não sei bem o  
que hei-de fazer.

Vou andando á toa, sem saber o des-  
tino q. me está reservado.

Adiante.

Hoje escrevi outra carta ao Pires Mon-  
teiro. Este, ao meus, aceita-me de boa  
vontade todas as m.<sup>as</sup> l<sup>ex</sup>pa-l<sup>ex</sup>pas e até  
parece que gosta. Ainda assim.

Lá fica, no vol.<sup>o</sup> da Epistolographia, a  
pag. 231, com o n.<sup>o</sup> 154.

Coimbra

Dezembro: 31.

Lá se foi mais um ano! E este, para  
mim, foi de escacha.

Raios o partam...



1940

X Coimbra:

Janeiro: 2

O ano começou bem apesar de lixet-  
to e ter a Páscoa em Março.

Choveu terrivelmente, por toda a  
parte temporais terríveis e desastrosos a to-  
dos os cantos.

Mas eu, no meu modesto retiro, tive  
a satisfação de receber da Revista Militar a  
nota seguinte:

A Administração da "Revista Militar"  
em cumprimento do resolvido pela Exma. Di-  
recção remete ao Exmo. Senhor Coronel Be-  
lisário Pimenta, em vale do correio, a quan-  
tia de quarenta e oito escudos (48\$00), co-  
mo lembrança da sua colaboração no ano de  
1939.

Como se vê, tenho, em dinheiro a  
compensação do meu trabalho.

Quarenta e oito escudos! Deves regu-  
lar um escudo por papina...  
Vamos lá! Poderia ser menos.

Lisboa:

Marco: 1.

Desta vez é que foi certo. O Leão d'ou-  
ro, o velho café de artistas, fechou definiti-  
vamente as portas.



**O «Grupo do Leão»**  
Quadro de Columbano, pintado em 1885 e que fazia  
parte da galeria do restaurante

Onde hei-de eu ir agora tomar posse-  
gadamente e com prazer que pó eu com-  
preender, o meu chá com torradas?

E nesta época de forte nacionalismo  
deixa-se dispersar uma colecção de quadros  
que lembrará uma bela época da nossa vida  
artística!

Lioba.

Março: 8.

Receti convite amavel do dr. Joaquim de Carvalho para colaborar com ele no VIII Congresso dos Centenarios ou seja o Congresso de Historia da activid. scientifica dos portuguezes.

Achei a esmola grande, vamos lá! No entretanto, resolvi aceitar, convencido embora de que não saberei levar a termo convenientemente o encargo.

Respandi hoje com a seguinte carta:

« Ee<sup>mo</sup> Sr. Dr. J. de C.º:  
 « Tenho m.º prazer em colaborar com V... e agradeço sinceram.º a lembrança.  
 « O trabalho de q. V... me encarega tem seus pontos dificeis como o da historia da tactica e da estrategia (ou melhor, a historia das ideias tacticas e estrategicas em Portugal) pois entre nós nada se fez ainda nesse sentido — apesar de termos um quadro grande de illustres generais.

« Mais facil e' a parte correspondente á balística, polvora e explosivos; temos officiais especializados de m.º competencia nestes assuntos.

« Conto regressar em breve a Coimbra; e como tenho procurado, desde a recepção

da carta de V... elementos de informação, lá exporei o que penso acerca do assunto e receberei gostosam.™ as indicações que quizer dar-me, embora ainda não poder corresponder ao juizo tão leuervolo que de mim faz.

«Fui uns dias atrás á Torre do Tombo consultar uns cadernos do Ces.º de Guerra, dos annos de 1657-1659; encontrei uma consulta relativa á fortificação de Buarcos e for do Mondego que não sei se interessará V... A indicação necessaria lá a darei em Coimbra.

«Renovo os meus agradecimentos e creia-me, etc.»

Vamos a ver o que sai desta minha colaboração com o dr. Joaquim de Carvalho no VIII Congresso.

Não me cheira.

Lisboa:

Março: 13.

Fui hoje á Revista Militar despedir-me do Pires Monteiro. E nesta visita deram-se dois episodios bem extraordinários que merecem lembrança.

A primeira coisa que o Pires Mont. me disse á chegada, foi que a m.ª Tese po-

bre Nun' alvares, apresentada ao II Congresso seu seja o Congresso Medieval, ~~isto~~ foi a unica apresentada pelo Exército aos Congressos de Historia (II e VIII). O Azaoubeja Martius apresentou uma comuni-  
cação ao IX Congresso (o Colonial) — e mais mala! E aqui está o Exército, a grande Instituição que resolveu, ha quinze annos, governar o País, se manifesta intellectualmente...

Foi necessario que dois individuos, reprovados no exame p.<sup>o</sup> o generalato, se apresentassem á frente.

Adiante.

O outro caso, bem mais extraordinário, foi o seguinte: a certa altura da nossa conversação, entrou o general Julio de Moraes Sarmento, major-general do exercito que é a Revista para uma reunião do Caus. Fiscal de que ele é presidente.

Percebo que, ao entrar, tem bem na minha expressão o desagrado que eu tenho com o encontro. Como me estendeu a mão eu aceitei o cumprimento nos termos do regulamento, mas, immediatamente saí do gabinete e vim para a casa de fora onde está o cap.<sup>o</sup> reformado, chefe da secretaria. Fiquei arreliado com o encontro, mas que lhe havia de fazer? E os dois, isto é, o Pires

Monteiros e o Moraes Sarmento, lá conti-  
nuáram dentro a falar.

Pouco depois, porém, veio o major-  
general levantar a voz. E o que dizia ele  
em tom elevado? Não mais nem me-  
nos o seguinte que recorro:

Os exames p.<sup>o</sup> o generalato eram um  
escolho perigoso. Officiais distinctíssimos,  
com folha notável de serviços, com vida  
exemplar e valiosa por varias especies de  
actividade, capazes, pelas suas qualidades  
de tomar decisões acertadas e rapidas, não  
conseguiam, afinal, vencer « aquele gan-  
caria » (Textual). E depois de qualquer  
observação do Pires Mont.<sup>o</sup> que não ouvi,  
continuem no mesmo tom de voz:

O juri via-se embaraçado entre con-  
siderar o valor do candidato e o regula-  
mento que manda ser rigoroso perante a  
prova, unica prova pela qual se faz a es-  
colha para o generalato. Que o sistema é  
ruim e ele, major-general, muitas ve-  
zes se contristava perante os resultados...

E como, de novo, o P. Mont.<sup>o</sup> dissesse  
qualquer coisa, o outro concluiu, com a  
mesma voz elevada: que, no fim de con-  
tas, o juri tinha excluído do generalato  
grande parte dos melhores elementos do  
exercito...

Ditas estas palavras que poderão pa-  
recer inventadas, a conversa continuou  
em tom natural e eu não ouvi mais na-  
da. Mas fiquei atônito.

Dai a um bocado o homem levantou-  
se e despediu-se do Pires Mont.<sup>o</sup>; e ao pas-  
sar por mim, com ar sorridente, estendeu  
a mão e disse afavelmente:

— Adeus, coronel!

E na expressão dele havia a satisfação  
de quem julgaria explicada a impiedade  
a atitude dele ao do júri de exame para  
comigo; e que me faria compreender, de  
certo, que eu estaria no numero dos me-  
lhores elementos que o júri tem excluído  
e inutilizado. Etc.

Quando saí, na escada, ao retirar-  
mos, disse p.<sup>o</sup> o Pires Monteiro:

— Olhe lá: o Moraes Sarmento levan-  
tou a voz p.<sup>o</sup> eu ouvir ou o que foi aqui-  
lo?

— Coitado... Ele é estúpido, como  
sabes, e quiz dar-nos uma satisfação...  
Você fugiu cá para fóra e ele teve que fa-  
lar bem alto para você perceber. Foi sem-  
pre assim.

E eu terminei a conversa com uma  
frase que não escrevo ~~po~~ mas que foi digna  
das circunstâncias.

Coimbra.

Abril: 6.

O Ferreira Lima replicou com seus artigos que o official miliciano de Artémaris José Braudão Pereira de Melo publicou no lere Santo António militar; e num jornal de Lisboa deixou uma local sua que dá na a entender que esses artigos foram feitos sobre os seus trabalhos conhecidos acerca do traumatismo.

O outro abespinhou-se e pediu atrevidamente explicações. O Ferreira Lima que é prudente nos dias deste momento atravessa uma crise de certa alteração de nervos, recorreu á m.<sup>a</sup> amizada para lhe dar parecer.

Dagui veio a carta que se segue e a outra em tom official para ... os devidos feitos.

« Presado Amigo :

« O milagroso Santo António não quer nada comigo ; eu, então,erei eu quem tem má rina com ele ... E já ha muito.

« E agora surge este caso do Braudão, lá de longe, de "S.º António", do Príncipe, por causa do Santo António militar q. me fez compulсар, de novo, os mso. unives-



ritários e verificar que por causa dele, o dito Santo António, o meu Catálogo e Sumario precisa de rectificações. Bem fim, uma complicação dos demonios!

« Remeto-lhe, inclusa, a opinião que me pede<sup>(1)</sup>; demorei porq̃. quize rever as referencias do Catálogo e Sumario ao Sancti-maturo (de que ainda ha tempo desconfiado e de que lhe mandou nota á parte para seu governo) e ainda porque, francam.<sup>te</sup>, perante tanta evidencia, não sei mais q̃. dizer. E, tambem francam.<sup>te</sup>, não fiz mais commentario porque o Braudão lá, na carta, a palavra de honra de que não conhecia os seus trabalhos quando, pela sua affirmacão no § 1.<sup>o</sup> dos Esclarecimen-tos, se vê o contrario. O caso é, pois, muito liudroso; e confesso não saber como sair do aperto sem affirmar que de nada vale a palavra de honra dele — o que é mais meliudroso ainda.

« Pareceu-me melhor tomar o caminho que tomei que, afinal, significa não ligar importancia á carta dele e mostrar que não acredita na ignorancia alegada dos trabalhos do meu Am.<sup>o</sup>. E como o apauho na ignorancia directã dos Mrs. da

<sup>(1)</sup> É a carta q̃. vai a seguir a esta.

Universid.<sup>e</sup>, levei para a ironia o agra-  
gado conhecimento dessas fontes e não  
irritei a questão no que, creio eu, o meu  
Am.<sup>o</sup> ganhou.

« E digo isto sinceramente embora  
sem saber se a opinião deveria ter outra  
formula. Nunca me encontrei em caso re-  
melhante.

« E agora, para continuar a falar com  
franqueza, permitta-me que lhe diga, serene-  
nam.<sup>te</sup>, deste meu canto assegurado, que o  
assunto não deverá ir mais além do que  
foi — a não ser que ele, Braudão, sem me  
dar consequências, venha exacerba-lo.  
Então, está bem; o meu Am.<sup>o</sup> tomará a  
atitude que entender, mas deixe-me di-  
zer: sómente se a chamado defesa dele  
estiver á altura de uma sua réplica.

« E tenho a impressão de que isso não  
se dará e creio que, neste caso, o car.<sup>o</sup> Fer-  
reira Lima, com o seu nome feito e a sua  
categoria mental assegurada, não deve  
vir á liza. Os insignificantes e atrevi-  
dos castigam-se melhor com o silencio  
e a indiferença.

« E' meu conselho, este? Será. O  
meu pres.<sup>o</sup> Am.<sup>o</sup> não necessita de conse-  
lhos, mas creia que estão a escrever com  
a melhor intenção e a maior sinceridade

e pe me atrevo a dizer isto e' porque o en-  
countri, nos locados em que, ha pouco,  
falámos em Lisboa, com certa nervosidade  
de má disposição — e este estado de espiri-  
to impõe ás néces movimentos vivos, cer-  
ta impetuosid.<sup>de</sup> em regra contrarios ao  
temperam.<sup>to</sup> proprio.

« Desuelle tanta franqueza que entra  
já por intimidade devariada. Sou, porém,  
seu amigo, considero-o muito e conhe-  
ço-lhe as bellas e firmes qualidades de ca-  
racter. De tudo isto, ao correr da pena, me  
saltaram as palavras que aí ficam e que  
o meu Am.<sup>o</sup> tomará como sinceras.

« Demais, no que entender, em que  
em o possa apoiar, cá estou, com a me-  
lhor vontade e conscienciente. Este nos  
rego da ru.<sup>a</sup> rua, a tranquillid.<sup>de</sup> da minha  
casa (sem radio! que parte!), esta manhã  
de Primavera que me traz, do fóra, cheiro  
agradavel de flores, convidam-me, como  
ao P.<sup>e</sup> Manuel Bernardes, a pensar que  
terá mais paz consigo o que fugir de li-  
gijos, deixando aos outros a responsa-  
bilidade das suas accões.

« Enfim, meu caro Ferreira Lima: te-  
nho paciencia com a Tagarellice e mando  
recrear o que é, sinceram.<sup>te</sup> amigo ve-  
lho, etc. »

A carta oficial com a m.<sup>o</sup> opinião acerca do caso de X.<sup>o</sup> Antônio militar é a seguinte:

« <sup>meo</sup> Ex.<sup>o</sup> Sm. Coronel Ferreira Lima, meu Pres.<sup>o</sup> Supeio:

« Li com atenção os documentos que fez favor de me mandar e vou, com a maior franqueza, dar-lhe a opinião que pede. Essa opinião resume-se, afinal, em poucas coisas, pois lendo uns e outros documentos nota-se logo, realmente, que os artigos de U. . . . deviam ser a base de que se serviu o sr. José Braundad Pereira de Melo p.<sup>o</sup> a organização dos seus, especialmente do último, de Dezembro de 1839.

« Nada acrescenta, de facto, ao que U. . . . escreveu e há entre os artigos dele e os de U. . . . evidente paridade — coincidência, aliás, que se dá vulgarmente (pó' contraria da pelas datas) em trabalhos de quem anda na mesma tarefa pelas bibliotecas e arquivos e procura esgotar o assunto.

« dá-se, parece, o caso de o sr. José Braundad citar Mss. que conhece da Bibliotéca da Univ<sup>ersid</sup>; mas quer-me parecer que esse conhecimento foi adquirido na consulta dum trabalho meu (Catálogo e Sumario dos documentos de caracter mi-

litar existentes nos Ms. da Biblioteca da  
Universidade publicado no Boletim do  
Arquivo Hist. Militar, desde o vol. IV) e  
 não por consultar directam.<sup>te</sup> os codices,  
 pois se assim fosse teria notado, além de  
 outras coisas, que no respeitante às deci-  
 suas em favor do S.<sup>to</sup> António havia que fa-  
 zer rectificações.

« Mas não se trata agora do meu Catá-  
logo e Sumario. Desculpe V... até esta di-  
 gressão; mas por estas e por outras é que  
 me dá meu convencimento de que o sr. José Brau-  
 das, entre tantos livros e artigos consulta-  
 dos, consultou os de V... indispensáveis  
 no assunto, no que só mostrou, no fim  
 de contas, o melhor critério.

« Não se preocupe, pois, V... com o ca-  
 so. A prolixidade com que V... elaborou os  
 seus trabalhos e a competência que neles  
 tem revelado, colocam-no a coberto de li-  
 geiros incidentes como este.

« O sr. José Braudad é novo; sei que  
 é inteligente e ilustrado; será o primeiro  
 a reconhecer a razão e a aprovar a viva-  
 cidade com que V... escreveu a local de  
 20 de Janeiro ult.º

« Estes casos são vulgares e não sei  
 se originados na desorientação geral da  
 época que atravessámos.

« Se V... vier que está minha afri-  
 cação lhe pôde ser útil, pode servir-se de  
 la como entender.

« E com a maior consideração, etc. »

E aqui está mais uma obra de mil  
 grossos de Santo Antonio...

Já é perseguição.

Coinbra:

18 de Abril de 1840.

O Mario Cardoso, de Guimarães, per-  
 guntou-me quais os meus títulos acadé-  
 micos... Como lhe mandei um arbispo  
 para o n.º comemorativo da sua Revista,  
 quer pôr por baixo do meu nome a supla-  
 da de títulos.

Achei graça. E por achar graça, res-  
 pondi com uma carta humanística que,  
 possivelmente, lhe poderá dar má impres-  
 são. Mas só pensei nisso depois de a  
 lançar no correio.

Fica arquivada a pag. 235, com o  
 n.º 155, do livro destinado á epistolografia.

O arbispo que lhe mandei trata do va-  
 lor dos commandos na Guerra de Restau-  
 ração e foi superado por seus documen-  
 tos encontrados nos mss. da Bibliotheca da  
 Universidade. O trabalho é um pouco chôcho,

e foi feito aos trancheamentos; mas, franca-  
mente, não fui capaz de fazer coisa me-  
lhor. E assim o mandei.

Coimbra.

Abril: 20.

Hoje, outra carta. É para o Chico Ma-  
chado, alias Franc. Valente Machado, fun-  
cionário das Alfândegas e licenciado por  
uma das secções da Faculd. de Ciências Eco-  
nómicas e Financeiras.

Fica arquivada por mera curiosidade  
e por ser mais um docum.<sup>to</sup> relativo á mi-  
nha frustrada monografia mirandesa.

Veja-se o vol.<sup>o</sup> respectivo, pag. 236 onde  
ela ficou registada com o n.<sup>o</sup> 156.

Coimbra:

Abril: 23.

Ainda o terrível Santo António!...  
Cá ainda, de novo, ás voltas com o maldito!  
O Ferreira Lima, preoccupado, pede-  
me, novam.<sup>te</sup>, oprimido. E eu mandei  
nova carta que é como se segue:

«... Cá andámos ás voltas com o  
Santo António que, não se contentando  
com as diabruras que fez em novo, obri-  
ga gente pacata como nós a aturar rapa

siadas como esta que não tem valor,  
mas incomodam.

« Muito obrigado pelo seu cartão e pela  
confiança que em mim deposita. O meu  
Sen.<sup>o</sup> lembre-se do que disse D. Francisco  
Manuel a qualquer pessoa que lhe pedissem  
sethos: « quem pede sethos já parece? »  
"deles não necessita..."»

« Mas vamos ao ponto, já que quer a  
mi.<sup>o</sup> opinião. A sua resposta está, a meu  
ver, generosa em estremo; o Ferreira  
Lima responde peremptoriamente e com  
quanimidade á petulancia da carta do José  
Brandão, de mais a mais lançada para  
o publico em jornal diario. É uma lição  
de ponderação que dá e de justo equilibrio.

« Porém... se não sei se lhe mandaria  
já as copias das opiniões colhidas embora,  
e m.<sup>to</sup> bem, mas faça anterior referencia.  
Não será desperdiçar, de começo, argu-  
mentos que lhe serão proveitosos depois?  
Veja bem este aspecto da polêmica que me  
apareceu ao ler o final da 1.<sup>a</sup> lauda e que  
eu marquei com um (2) a vermelho. Di-  
zendo-lhe que colheu opiniões de pessoas  
amigas, deixa-o, talvez na duvida do que  
essas opiniões dirão e ele não é tão ingé-  
nuo que não ~~veja~~ veja que elas lhe serão  
desfavoráveis. Mantê-lo-ha dentro de re-



ceios e obriga-lo-ha a certos cuidados.  
 tos. Pense bem no caso — mas não faça  
 força no que lhe digo que pode ser tolice.

« Quanto á referencia aos Mss. que eu  
 marquei com (1) e (2) a vermelho, devo  
 notar o seguinte: os Mss. que contêm  
 poesias alusivas ao Paulo, vieram des-  
 critos por mim nos volumes 4.º, 5.º e 6.º  
 do meu Boletim e não sómente no 4.º; mas  
 "pela 1.ª vez," só o foram as poesias do Ms.  
 n.º 356 e do Ms. n.º 382; as outras tres (is-  
 to é: Mss. n.º 318, 363 e 393) foram mencio-  
 nadas, embora simplesmente, pelo seu títu-  
 lo e sem qualquer comentario ou trans-  
 crição, no catalogo que o falecido dr. Au-  
 gusto Mendes Simões de Castro começou  
 a publicar no Arquivo Bibliografico da Bi-  
 blioteca da Universidade de Coimbra, de 1901  
 em diante, respectivamente nos volumes  
 IV, pag. 60 e V, pag. 64 e 181.

« Será bom, pois, no que meaudar ao  
 Braudão notar estas minhas repáros; e a  
 transcrição da m.ª carta, no que respeita a  
 este assunto, não é de mais ir, pois é a  
 prova da leviandade... para chamar a  
 leviandade, do rapaz que ele proprio terá  
 de reconhecer.

« Enfim, escrevo um pouco á pressa  
 para esta ir registada; não me abço mais

então o assento desse, á vontade, meu  
 1.º passo para muitas.

« Mande sempre, etc. »

Coimbra

Abril: 24.

Morreu ontem o dr. Alberto de Olivei-  
 ra, com 67 anos. Sabia-o doente; ele  
 proprio queixava-se, nas cartas q. escre-  
 via, da sua pouca saúde. Não calculá-  
 va, porém, o descalço.

Eu poderia aqui escrever muita coi-  
 sa ~~acerca dele~~, tão perto como desde  
 criança com ele e o fiquei conhecendo na  
 1.ª e 2.ª infância. Mas ficará para outra  
 occasião qualquer.

A noticia lida nos jornais de hoje  
 incomodou-me. Gostava dele e quero  
 acreditar que ele era meu amigo. O de-  
 sastre no exame p.º o generalato aborre-  
 ceu-o muito e cheguei-me a dizer, ~~que~~  
~~que~~ ha pouco, que se ele estivesse em  
 Lisboa na occasião, eu ficaria aprovado,  
 pois saberia m.º bem como tais coisas  
 se encaminham...

Era, nas letras, uma figura interes-  
 sante; na diplomacia, não sei; mas  
 ultimam.º caia m.º para a extrema-di-  
 reita — e era jovem.

Nestes últimos tempos, parece que era o traço direito de Salazar na preparação dos centenários. Atribuiu-se, até, a ele o grande programa das comemorações, e é possível porque a prosa era diferente da usada pelo Jesuíta-mór.

Morreu novo e creio que com grandes sofrimentos.

Escrevi hoje mesmo uma carta á viuva. Carta um pouco difícil, mas foi sincera.

Coinhena:

Abril: 30.

Mais uma carta ao Pires Monteiro, e das do tamanho da legua da Povoá...

Não me curso do vício da «epistolografia... barata.» Mas enfim, e' vício q. não prejudica ninguém.

A carta tem o n.º 157 e fica a pag. 237 do muito cit.º volume.

Nela havia referencia a uma opinião pedida acerca duma pessoa como redactor dos chefes militares reaccionistas q. a Revista Militar pensava fazer, como contribuição aos nos centenários proximos. O Pires Mont. mandou-me um auto-projecto para eu dizer de m.º justiça — auto-projecto que eu guardo junto da car-

ta de 21 deste mês, porque fica como in-  
teressante curiosidade...

A sua resposta é facta. É possível  
que não gostem, mas que lhe hei-de fazer  
se hoje me não sair outra coisa?

Ei-la:

« Na sua linha geral, o programma es-  
tá bem embora não seja ás formas clas-  
sicas. Contudo, fala quem deve falar.

« Os discursos dos dois majores - gene-  
rais forem, é que eu reduziria um bo-  
cado em beneficio da alocução da abertu-  
ra. Daria assim 15 minutos ao nosso ge-  
neral Geix.<sup>o</sup> Botelho que sabe muito bem  
o que diz e costuma 10 ou 15 minutos a  
cada um dos outros que certamente fa-  
rão peças oratórias no estilo das dos jura-  
mento de bandeiras...

« As 2 horas e 20 m. do projecto são  
talvez de mais; e assim, reduzindo, e com  
o aperitivo das canções e hinos, se chega-  
ria com boa disposição ao discurso do  
brasilense<sup>(1)</sup> que na mesma hora marcada  
teria tempo para lançar os troços escolhi-  
dos e toda a retórica capitolosa do equador,  
em hino euprolado á Mãe - Pátria de nós

<sup>(1)</sup> General Franc.<sup>o</sup> José Pinto.

tura com as naturais desculpas por fal-  
tarem ao pagamento das dividas...

« Isto, é claro, é opressão dada por alto;  
mas, com franqueza, não tenho confian-  
ça nas discursatas dos nossos officiais ge-  
nerais e, de mais a mais na presença,  
naturalmente, dos nossos valores de in-  
teligencia.

« Vejam bem isso e não façam caso  
do caturra que é o pte. »

A impennidade do Pires Monteiro que  
dar aos majores-generais do exercito e da  
armada capacid.ª para grandes coisas! Co-  
mo são do Estado-maior... pronto! Tem  
tudo os requisitos necessarios.

São como os hauezes de capelo e bor-  
la nesta Coimbra de arrufadas. Só eles e  
só eles. E mais nenhum.

Coimbra:

Maio: 30

O velho amigo José Maria Dias Ferrão  
transcreveu no jornal A Ceneza de Apr-  
ril o meu artigo sobre a accão da Ponte  
da Mucela em 1811 publicado na Revista  
Militar ha pouco tempo. (1)

(1) No vol. 91, de 1839, pag. 481-498.

Escrevi-lhe hoje a agradecer a transcrição e, ao mesmo tempo a dizer-lhe qualquer coisa acerca dum campo de neocurso p.<sup>o</sup> aviação que ele, como bairrista, quer fazer na Serra do Freixo, entre Louzã e Poiares.

Pedi-lhe a m.<sup>o</sup> actualizada opinião; eu, sobre o assunto, não a tinha e solicitei do Teófilo J. Ribeiro da Fonseca, actual director da aeronautica, um parecer fundamentado que transmiti ao Ferrão.

E não vale a pena deixar mais esclarecimentos para a História...

### Chaves:

Maió: 22..

O dr. Fausto Lobo, medico municipal de Miranda do Corvo, foi nomeado Delegado do concelho da 2.<sup>a</sup> Sub-reccão do Ministerio da Educação, isto é, encarregado de proteger os monumentos e objectos de arte e archeologicos do concelho. E escreveu-me a pedir-me auxilio, confessando-se « completamente leigo na materia » e que desconhece « em absoluto o interesse archeologico do concelho... »

No entretanto aceitou o encargo e logo lhe acudiu a ideia de me solicitar a « valiosa colaboração. »

É o mais interessante e' que ele não disse claramente que foi nomeado mas que desejava esclarecer um assunto, etc. etc. Só depois de eu lhe escrever uma carta em resposta á primeira tentativa é que se explicou melhor.

O caso não deixa de ter certo interesse: nomeia-se um medico f.<sup>o</sup> delegado com o apoio do Minist.<sup>o</sup> da Educação; o nomeado declara não conhecer o assunto, aceita o cargo e vai pedir auxilio a outro...

Não vale a pena insistir. Deixo copiadas as duas cartas que lhe escrevi que ficaram com os n.<sup>os</sup> 158 e 159 a pag. 242 e seguintes; bem como a carta que ele me escreveu em 10 deste mês, ficou guardada na respectiva coleção.

Coimbra:

Junho: 22

Da secretaria dos Congressos dos Benfiteiros mandaram-me o lithete de admissão e pediram-me notas biographicas... Para que diabo quererão elas notas biographicas?

É que direi eu além das datas essenciaes? Que biografia tenho eu que saia fóra do ram-não de todo e qualquer tropa? Pensei em não responder, mas depois de

alguma reflexão, resolvi mandá-lo o seguinte que já não é de todo meu:

« Nasceu a 3 de Outubro de 1879, em Coimbra. Seguiu a carreira militar, ingressando na Armada de Infantaria, em 1902, com o curso da Escola do Exército, e passando à Reserva em 1933 ao posto de coronel. Fez parte do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.<sup>a</sup> Circunscrição (Coimbra) desde 1918 até à sua extinção e ocupou a presidência do museu no triénio de 1928-31. Foi sócio da extinta Sociedade dos Estudos de História Parbypuesa e é actualmente sócio efectivo de O Instituto de Coimbra.

« Teu escrito alguns estudos de história militar e outros de história local (Miranda do Corvo), publicados, na sua maioria em revistas. »

É pronto. Mais nada. É chepa.

Coimbra

Junho: 29.

O Gaspar de Melo de Matos escreveu-me uma carta muito interessante que guardo na m.<sup>a</sup> colecção.

Diz ele que em Abril passado foi convidado p.<sup>o</sup> fazer, na Emissora N.<sup>o</sup> uma pale-